

ne NEGÓCIOS&EMPRESAS

Nº 5 . JULHO/DEZEMBRO. 2022

ANTÓNIO PIRES DE LIMA

**Empresas que
não cuidam da
sustentabilidade
desaparecem**

ISABEL UCHA

**Investidores
privilegiam
projetos
sustentáveis**

DOSSIER

**TRANSFORMAR O NOSSO MUNDO
OS ODS E AS EMPRESAS**

**LIVRO. A SUSTENTABILIDADE
DOS OLIVAIS EM PORTUGAL**

**OPINIÃO. MIGUEL PINTO
VÂNIA SOARES. MIGUEL BRANDÃO**

3

EDITORIAL

ENTREVISTA

6/12



ANTÓNIO PIRES DE LIMA | PRESIDENTE DO BSCD PORTUGAL

É fundamental haver incentivos e apoio à sustentabilidade

14/19



ISABEL UCHA | CEO DA EURONEXT LISBON

Mercado de capitais premeia negócios sustentáveis

20/22 ANÁLISE

Paulo Caldas

Portugal apresenta nível muito baixo de sustentabilidade

23/85 DOSSIER

TRANSFORMAR O NOSSO MUNDO OS ODS E AS EMPRESAS

BPI • BRISA • GENERIS • ASS. SOCIEDADE DO BEM
CLEARENERGY • JANZ • PREMIER TECH WATER
PORTUGAL • BONDALTI • C2C-NEWCAP • EDP
GRUPO MWC - MENIN WINE COMPANY • SIEMENS
MEDWAY • DELTA CAFÉS/NĂM • INGREDIENT ODISSEY/
ENTOGREEN • HERDADE VALE DA ROSA
THE NAVIGATOR COMPANY • IWR/BLUESOUL
CASA MENDES GONÇALVES/PALADIN
GRUPO LUSIAVES • SUPER BOCK GROUP

86/90

ESTUDO DE CASO

EFACEC

É caso de estudo na Universidade Católica

100

LIVROS

A sustentabilidade dos olivais em Portugal

Francisco Campello.
AGRO.GES

91/99

OPINIÃO

Miguel Cardoso Pinto
EY Portugal - Seis ações para as empresas se destacarem no mercado

Vânia Soares - Moneris
Ultrapassar os preconceitos da sustentabilidade nas PME

Miguel Brandão - KTH Royal Institute of Technology Estocolmo - Sistemas de bioenergia, bio economia e economia circular mitigam mudanças climáticas?



ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CCI - CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

PROPRIEDADE E SEDE DE REDAÇÃO/SEDE DO EDITOR: Associação Industrial Portuguesa - CCI
Praça das Indústrias, 1300-307 Lisboa | Tel.: 213 601 000 | e-mail: associativismo@aip.pt
DIRETORA Marta Cabral . **EDIÇÃO** Manuela Freitas . **DESIGN GRÁFICO** Maria Carla Homem
PUBLICIDADE 213 601 039 . NIPC - 500 032 335 . Número de registo na ERC: 127351 . Periodicidade Semestral
ESTATUTO EDITORIAL

EDITORIAL



PAULO ALEXANDRE CALDAS

DIRETOR DE ECONOMIA,
FINANCIAMENTO E INOVAÇÃO
DA ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL
PORTUGUESA

Esta edição da Revista Negócios e Empresas é uma autêntica viagem ao mundo da Sustentabilidade e demonstra que os responsáveis associativos e líderes das nossas empresas, das grandes, mas também nas PME, estão mais do que atentos aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pelas Nações Unidas para 2030. Estão a praticar sustentabilidade no dia a dia das suas organizações impactando

valor nas comunidades em que se integram, da energia e águas aos transportes rodoviários e ferroviários, do café ao papel, da agricultura à indústria alimentar e bebidas, da banca e mercado de capitais à saúde.

Conscientes da importância de ser socialmente justo e ambientalmente responsável, a par de acautelarem a viabilidade económico-financeira das suas empresas, estas organizações cada vez mais incorporam nos seus planos estratégicos indicadores que medem e controlam o cumprimento dos critérios ESG (Environmental, Social and Governance), estabelecendo novas etapas de progresso rumo à descarbonização e circularidade da economia, igualdade de género, mas também lançando emissões obrigacionistas verdes e de responsabilidade social, com isso atraindo novos investidores que reputam como imprescindível este tipo de comportamento sustentável. Em paralelo, conseguem recrutar para as suas organizações uma nova geração de quadros altamente qualificados, muito

atentos às questões da sustentabilidade.

Os testemunhos que apresentamos demonstram que as ações capacitação e de cooperação entre universidades e empresas, cruciais para a sustentabilidade e para reforçar a produtividade da economia, estão bem presentes nos projetos de investimento das nossas empresas. A maior evidência disso foi dada recentemente pelas agendas mobilizadoras e agendas verdes para a inovação empresarial (concurso no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência - PRR) onde foram apresentados e aprovados pelos 64 consórcios empresas-universidade-centros tecnológicos mais de 8,3 mil milhões de euros de investimentos.

A AIP, consciente deste desafio para o país e para a economia portuguesa, tem também participado diretamente e dinamizado o acesso aos fundos comunitários e ao PRR de empresas e municípios. Destacamos, como líderes de capacitação, a nossa parceria no Pacto da Inovação ECP - Ecocerâmica

EDITORIAL

e Cristal de Portugal, Vista Alegre – Atlantis SA. Apoiámos também candidaturas em 4 municípios para a criação de áreas de acolhimento empresarial da nova geração, e diversas candidaturas para a eficiência energética e descarbonização da indústria, com um pacto setorial para a indústria na poupança energética e liderando um consórcio com 7 associações empresarias para a descarbonização. Participamos também em consórcio com a empresa RENEWING (Grupo Mota Engil) na instalação das Comunidades de

Energia Renovável (CER's) no País. No âmbito do fundo ambiental integramos o consórcio GNND para dinamizar o roteiro de introdução de gases renováveis e estamos a efetuar com a Secretaria de Estado do Ambiente e a Academia do Hidrogénio sessões de sensibilização para a introdução do hidrogénio nas empresas e cursos técnicos de hidrogénio. Na área digital lideramos consórcios nas regiões de Lisboa, Centro e Açores (participando também na Madeira) para as Aceleradoras Digitais e integrámos

2 consórcios para a criação de HUB-Digital. Por último, integrámos as parcerias para o desenvolvimento das áreas desfavorecidas da Área Metropolitana de Lisboa.

Criamos recentemente um Conselho Consultivo para a Transição Energética, onde se refletirá a conceção de novos projetos dentro destas áreas.

O mundo empresarial demonstra assim o seu forte empenho na construção do irreversível caminho da sustentabilidade. ■

**Precisa de VISTOS
DE EXPORTAÇÃO
no próprio dia?**



Solicite através de @ certificados.origem@aip.pt ☎ 213 601 063



SABE PARA ONDE ESTÃO A OLHAR OS SEUS CONSUMIDORES?

A maneira como as pessoas agora são impactadas pela publicidade é completamente diferente do que era até há pouco tempo. A atenção está cada vez mais fragmentada por um enorme conjunto de meios e o próprio consumo de conteúdos e informação ao longo do dia é muito diferente do que foi. A utilização de dispositivos móveis é cada vez maior, a diversidade de possibilidades da internet e o crescimento do comércio electrónico alteraram hábitos de forma radical.

Para saber onde anda o consumidor da sua marca precisa de uma agência de meios que saiba viver na nova paisagem mediática, que tenha uma elevada capacidade digital e que seja capaz de reagir de forma rápida e eficaz a qualquer alteração. Uma agência que integre tecnologia com a mensagem da sua marca, que saiba trabalhar em multi-device nas componentes de vídeo, display, redes sociais, compra programática e que tenha forte capacidade analítica e de utilização de big data. Temos uma equipa actualizada, temos experiência e know how. Auditores independentes de media, como a RECMA, classificam a Nova Expressão nas melhores agências de meios em Portugal. Com os nossos parceiros de diversas áreas garantimos uma presença global, competitiva, de qualidade e transparente. Fazemos a diferença.

Podemos dar à sua marca uma atenção e uma qualidade de serviço ao nível da sua exigência. Consulte-nos.



www.novaexpressao.pt
Av. Marquês de Tomar, 2, 8º
1050-155 Lisboa - Portugal
Tel: +351 210 123 740
filipe.pereira@novaexpressao.pt
www.linkedin.com/company/novaexpressao
www.facebook.com/NovaExpressao



NOVA EXPRESSÃO
Planeamento de Media e Publicidade

ENTREVISTA



ANTÓNIO
PIRES
DE LIMA
PRESIDENTE DO BSCD
PORTUGAL

EMPRESAS QUE
NÃO CUIDAM DA
SUSTENTABILIDADE
ESTAGNAM E
DESAPARECEM

ENTREVISTA

Portugal tem sido um bom aluno nalgumas frentes da batalha pelo crescimento, mas “precisa de ambição económica e de desenvolvimento social, precisa de um plano de longo prazo que aumente a competitividade do País e isso, nos dias que correm, é indissociável da sustentabilidade em todas as suas vertentes”, alerta António Pires de Lima, presidente da direção do Business Council for Sustainable Development (BCSD) Portugal, organização que zela pelo cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS).

A pobreza, as desigualdades sociais e a discriminação de género são alguns dos maiores handicaps ao desenvolvimento económico e social do País”, releva o antigo ministro da Economia e atual CEO da Brisa que deixa nesta entrevista vários “avisos à navegação” em matéria de sustentabilidade empresarial: “Empresas que não cuidam da sustentabilidade estarão condenadas à estagnação e ao desaparecimento. É fundamental haver a nível nacional, e europeu, incentivos e programas de apoio a esta necessidade, se queremos promover uma economia privada, produtiva, competitiva e ao serviço das pessoas”.

É presidente da direção do BCSD Portugal desde março deste ano. Como pode sintetizar o desempenho das empresas portuguesas em matéria de sustentabilidade?

É um desempenho crescentemente positivo, mas o desafio por cumprir em matéria de des-

carbonização, inclusão social e governance é ainda enorme.

A sustentabilidade é uma dimensão da atividade das empresas que já não é estranha às empresas portuguesas de grande dimensão e que começa a ser parte integrante do dia-a-dia das PME.

É patente a pertinência dos temas ambientais, sociais e de governance nas agendas das empresas portuguesas que têm ambição de crescimento e uma visão de futuro. O BCSD foi fundado em Portugal há 20 anos, por 34 empresas portuguesas e, hoje, já agrega perto de 150, muitas delas líderes nos seus sectores, reconhecidas pelas suas capacidades de inovação e de adaptação, bem como pelos seus resultados. E o universo das empresas que integram, em maior ou menor grau, a sustentabilidade nos seus critérios e objetivos de gestão não se esgota nos membros do BCSD, nem vai parar de crescer. Muitas empresas portuguesas são líderes nos seus

ENTREVISTA

setores em matéria de sustentabilidade ou são case studies de nível internacional.

Neste último ponto, está a falar sobretudo das grandes empresas.

Estou a falar de grandes empresas, mas também de empresas médias e pequenas. Ter um desempenho concreto e relevante em temas como a eficiência energética, a pegada de carbono, a gestão de recursos como a água ou as matérias-primas, a forma como se valorizam as pessoas ou a capacidade de ser um contribuinte e um parceiro para o desenvolvimento das comunidades, é uma condição necessária para a competitividade das empresas.

As PME exportadoras são cada vez mais pressionadas – ou incentivadas – pelos seus clientes a ter um impacto positivo nas cadeias de valor. Isso é visível em várias expressões da sustentabilidade empresarial. Para mim, um exemplo relevante é o número de empresas portuguesas que declaram a sua vontade de responder aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Mas, também me ocorre o exem-

Muitas empresas portuguesas ainda precisam de ser capacitadas para fazer a transformação energética

plo de três PME do sector têxtil – exportadoras – que submeteram os seus objetivos de descarbonização a uma validação internacional (pela Science Based Targets initiative).

Numa perspetiva empresarial, em que medida Portugal está a cumprir os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pelas Nações Unidas, no âmbito da Agenda 2030?

As empresas estão do lado da ação. Em vários sectores de atividade, Portugal tem empresas que se destacam mundialmente pelo seu trabalho na prossecução das metas da Agenda 2030. Os ODS têm uma vantagem em relação ao anterior plano – “Objetivos de Desenvolvimento do Milénio” –, são mais pragmáticos e as empresas nacionais têm procurado, ainda que com diferentes graus de impacto, fomentar a adoção dos ODS nas respetivas cadeias de valor. O BCSD tem tido um empenho especial na promoção do desenvolvimento sustentável, com uma participação muito ativa na construção de ferramentas para as empresas analisarem a sua posição, traçarem caminhos de ação e estipularem metas ao longo do tempo.

Qual a importância das empresas enquanto agentes de mudança social – motores de transformação da nossa sociedade – em prol dos ODS?

As empresas são motoras de desenvolvimento. O que se passa atualmente é que há uma mudança na forma como a sociedade e as empresas se relacionam. As empresas não são agentes isolados do que se passa nas comunidades em que estão inseridas. É-lhes exigido que colaborem mais, que participem mais, que retribuam e partilhem com a comunidade onde estão inseridas uma parte dos seus

ENTREVISTA

**As PME exportadoras
são cada vez mais
pressionadas pelos
seus clientes a ter um
impacto positivo nas
cadeias de valor**

ganhos, e também do seu know how. Neste sentido, empresas socialmente responsáveis têm um papel que pode ser bastante relevante na transformação da nossa sociedade. Seja através de políticas de recursos humanos, que fomentem a igualdade, a formação profissional ou a meritocracia, por exemplo, seja através de planos de responsabilidade social, no apoio a instituições e projetos que promovam o cumprimento dos ODS. A Carta de Princípios do BCSD, a que qualquer empresa pode aderir – não precisa de ser nossa associada –, abrange todos os objetivos das Nações Unidas aplicáveis às empresas, quer os ODS quer o Pacto Global das Nações Unidas.

As novas gerações tendem a ser mais conscientes e exigentes no que respeita às questões da sustentabilidade. Acredita que este facto influencia a estratégia e o comportamento das nossas empresas enquanto fornecedoras, clientes e empregadoras?



ENTREVISTA

É inevitável. As empresas existem para oferecer ao mercado soluções sustentáveis e lucrativas que respondam às necessidades das pessoas e da sociedade. Para tal, as empresas têm de ouvir os seus stakeholders, já não vivem nem crescem isoladas. As novas gerações têm uma consciência social e ambiental muito grande e agem em função dessa consciência. Há um grande escrutínio sobre as empresas, sobre os produtos e serviços que desenvolvem, a forma como tratam os seus colaboradores, a pegada ecológica que deixam.

As novas gerações não só são sensíveis à ação das empresas como adotam comportamentos e procuram ser agentes de transformação. Há cada vez mais jovens com talento a escolherem a empresa em que decidem trabalhar em função do seu propósito e “track record” ESG [Environmental, Social, and Governance].

Segundo o IMD World Competitiveness Ranking 2022, Portugal desceu seis posições face a 2021 e ocupa agora a 42ª posição do ranking das economias mais competitivas a nível mundial. Em que medida as duas dimensões, competitividade e sustentabilidade, são compatíveis e copromotoras do crescimento económico e desenvolvimento social do País?

Portugal precisa de ambição económica e de desenvolvimento social, precisa de um plano de desenvolvimento de longo prazo que aumente a competitividade do País e isso, nos dias que correm, é indissociável da sustentabilidade em todas as suas vertentes.

Empresas que não cuidam da sustentabilidade estarão condenadas à estagnação e

Há cada vez mais jovens com talento a escolherem a empresa em função do seu track record ESG

ao desaparecimento. A aposta na sustentabilidade traduz-se num futuro melhor, logo mais competitivo.

A baixa produtividade está identificada como um dos grandes handicaps do crescimento económico do País. No seu entendimento, quais os ODS que mais podem contribuir para a alteração desta situação?

A pobreza, as desigualdades sociais e a discriminação de género são alguns dos maiores handicaps ao desenvolvimento económico e social do País. São áreas em que Portugal tem de fazer um esforço maior tendo em conta os impactos da pandemia e da guerra na Ucrânia. No novo plano estratégico do BCSO, acrescentámos à prioridade ambiental a preocupação social e da paridade de género. Queremos ser um parceiro reconhecido pelo contributo que damos para a criação da riqueza, em modelos empresariais sustentáveis e com boas práticas sociais.

Na igualdade de género, Portugal tem feito progressos que queremos acelerar. “O Gen-

ENTREVISTA

der Gap Report do World Economic Fórum” mostra que a presença das mulheres em conselhos de administração subiu de 24,6% para 31%. Contudo, apenas 14% das empresas têm mulheres em cargos de liderança. Menor diversidade traduz-se em menor competitividade das empresas como evidencia sucessivamente, desde 2014, o relatório da McKinsey “Diversity wins, how inclusion matters”. Em termos ambientais, a biodiversidade é uma das nossas prioridades.

A preservação da biodiversidade e dos serviços de ecossistemas é um dos mais importantes desafios que o planeta enfrenta. Mais de metade do PIB mundial depende de capital natural, o que significa que o nosso bem-estar e modelo de desenvolvimento estão profundamente vinculados e dependentes da natureza.

Não receia que as crises que se sucedem e se acumulam – pandemia, guerra e crise energética – possam comprometer o caminho que está a ser feito?

Há trinta anos, poderia talvez concordar com a sua afirmação. Hoje, é evidente que a sustentabilidade é um caminho necessário, não apenas para o crescimento e o desenvolvi-

Portugal tem sido exemplo na opção pelas energias renováveis

Sabia que a sua empresa também pode beneficiar dos Fundos Europeus ?



Somos especialistas na elaboração e gestão de candidaturas a apoios: PT2020/PT2030, PRR, SIFIDE, etc.

No âmbito do PORTUGAL 2020, a Mr. Project promoveu um projecto de investimento que envolveu a criação de 3 postos de trabalho, permitindo desenvolver novas áreas de negócio, como a consultoria em **Incentivos Fiscais**, em Apoios à **Descarbonização da Indústria** e à **Eficiência Energética**.

✓
Criação de 3 postos de trabalho

✓
Apoio a Fundo Perdido: 163.534,14€

✓
Cofinanciado pelo PORTUGAL 2020 através dos Fundos Europeus



www.mrproject.pt
Tel. 914 397 571 | info@mrproject.pt



ENTREVISTA

mento, mas também para a nossa sobrevivência, para permitir que as sociedades se adaptem aos novos desafios e continuem a registar progresso.

A crise energética que vivemos é uma realidade que se revela ou simplesmente reforça o entendimento de que temos de mudar para uma economia sem carbono, baseada em soluções e tecnologias com menor impacto ambiental, maior eficiência económica de longo prazo e maior segurança.

Portugal tem sido um exemplo de que uma economia pode arriscar fazer o caminho da opção pelas energias renováveis. Pode assumir um papel idêntico no cluster “elétrico”. A crise é, também, uma oportunidade. Vivemos no passado outras transformações do modelo energético e do modelo económico. Estamos a viver um novo período de transformação e muitas empresas já perceberam isso. No entanto, muitas empresas portuguesas ainda precisam de ser capacitadas para fazer essa transformação.

É fundamental haver a nível nacional, e europeu, incentivos e programas de apoio a esta necessidade, se queremos promover uma economia privada, produtiva, competitiva e ao serviço das pessoas. As empresas sustentáveis criam emprego de longo prazo, investem na inovação e contribuem para a resiliência das economias e das sociedades de que fazem parte.

E que papel é que o BCSD tem nessa capacitação?

Essa capacitação é um tema a que o BCSD está especialmente atento. Somos muito fortes e empenhados na formação, educação e capacitação das empresas (e não precisam de

“(...) Portugal tem empresas que se destacam mundialmente pelo seu trabalho nas metas da Agenda 2030

ser sócias do BCSD para se inscreverem e participarem).

Em primeiro lugar, o BCSD colabora para a capacitação das empresas suas associadas, através de grupos de trabalho, programas de formação, projetos setoriais e divulgação.

É uma dimensão muito importante da nossa atividade. Mas, também, somos ativos na colaboração com outras associações setoriais, relevantes na economia portuguesa, no desenvolvimento de competências e no desenho de agendas setoriais para a sustentabilidade.

Recentemente, no âmbito da Carta de Princípios do BCSD, que pode servir para qualquer empresa como um guião para a sustentabilidade, criámos a Ferramenta ESG que permite às empresas determinarem onde estão em matéria de sustentabilidade e o que precisam de fazer para melhorar o seu desempenho ESG. A Ferramenta ESG está à disposição de todas as empresas. A nossa missão é valorizar as empresas como agentes da sustentabilidade. ■

Impulsionamos o desempenho das organizações e a transformação cultural em todos os setores

EURONEXT APOIA PME A CRESCER COM SUSTENTABILIDADE

Apoiar a incorporação dos fatores ambientais e sociais na evolução dos modelos de governo das empresas, em especial as de menor dimensão, é uma das prioridades da Euronext, que desenvolveu serviços nesse sentido e tem vindo a oferecer um conjunto alargado de índices ESG [Environmental, Social and Governance], tais como o ESG Large 80 ou o Low Carbon 100. O objetivo é dar aos investidores a possibilidade de apostarem, de uma forma fácil e eficiente, em cabazes de ações de empresas com os melhores desempenhos em indicadores de sustentabilidade.

Isabel Ucha, presidente do Conselho de Administração da Euronext Lisbon, salienta aqui algumas das principais iniciativas em curso que contribuem para esta transformação, e que resultam da crescente procura dos investidores por finanças sustentáveis.

As novas gerações, sensíveis e defensoras da causa, serão determinantes para o futuro dos negócios, relewa a CEO, ao deixar um claro “aviso à navegação”: “Essa atitude traduz-se nas suas

escolhas quanto a entidades empregadoras, produtos e serviços que consomem, e também na forma como investem as suas poupanças. As empresas que não reconheçam esta tendência estrutural vão ter muito mais dificuldade em atrair talentos, em se manterem competitivas e também na obtenção de financiamento”.

Perante este cenário, Isabel Ucha aconselha que “em Portugal seria muito importante que mais empresas recorressem ao mercado de capitais, beneficiando, em simultâneo, de mais fontes de financiamento ao crescimento sustentável, incluindo a atração de investimento estrangeiro, mas também como forma de muscularem a sua organização e as suas equipas para um novo roteiro estratégico que têm de adotar”.

Numa perspetiva empresarial, nomeadamente em termos de financiamento e capitalização, em que medida Portugal está a cumprir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pelas Nações Unidas, no âmbito da Agenda 2030?

ENTREVISTA



EURO

ISABEL
UCHA

CEO DA EURONEXT
LISBON

Nos últimos 5 anos, as empresas portuguesas não financeiras levantaram cerca de 10 mil milhões de euros através do mercado. (...) parte deste financiamento destinou-se à concretização de projetos relacionados com os ODS.

ENTREVISTA

Nos últimos anos, o mercado de capitais tem vindo a ganhar um relevo crescente no financiamento à economia na Europa e também em Portugal, com especial ênfase em atividades relacionadas com a transição energética, alterações climáticas e desafios sociais. 2020 e 2021 foram anos recorde no número de entradas de novas empresas em mercado, e também nos volumes de aumentos de capital – na Europa foram mais de 400 IPO [Oferta Pública Inicial, na sigla inglesa], que levantaram cerca de 83 mil milhões de euros. Grande parte destas empresas levantaram capital para investir em projetos de energias renováveis, eficiência energética ou economia circular, entre outros. A este montante de capital angariado, há que juntar as emissões de obrigações sustentáveis (ESG Bonds), que só em 2021 totalizaram cerca de 1 200 milhões de euros, mais 40% que em 2020.

Em Portugal, as empresas cotadas têm recorrido com alguma regularidade ao mercado para se financiarem, e têm-no feito quer por instrumentos de dívida – emissões de obrigações – quer por reforço dos seus capitais. Nos últimos cinco anos, foram cerca de 10 mil milhões de euros que as empresas portuguesas não financeiras levantaram através do mercado – cerca de dois terços por emissões de obrigações e cerca de um terço por injeções de capital.

Boa parte deste financiamento destinou-se, efetivamente, à concretização de projetos relacionados com os ODS – veja-se, por exemplo, os aumentos de capital da EDP, em 2020 (1 000 milhões de euros), ou da EDP Renováveis, em 2021 (1 500 milhões de euros), duas das maiores operações de aumento de capital recentes na Europa. A EDP já emitiu mais de 7 mil milhões de euros de Obrigações Verdes desde que iniciou o seu progra-

ma em 2018. A Greenvolt, cotada em julho de 2021, já levantou mais de 400 milhões de euros entre capital e emissões de Obrigações Verdes. A Mota-Engil estreou o segmento de Obrigações Sociais em Portugal, já com duas operações realizadas.

Esta evolução mostra que as enormes transformações que a transição sustentável implica exigem grandes volumes de investimento e o mercado de capitais é a infraestrutura mais eficiente na mobilização destes capitais. Pese embora o momento de turbulência que estamos a viver, esta tendência estrutural vai prevalecer nas próximas décadas.

A consideração de temas ambientais, sociais e de bom governo das organizações já não podem ser temas laterais ou meramente de marketing empresarial, mas devem fazer parte integrante da análise de oportunidades e riscos estratégicos das empresas

ENTREVISTA



As novas gerações tendem a ser mais conscientes e exigentes no que respeita às questões da sustentabilidade. Acredita que este facto influencia a estratégia e o comportamento das nossas empresas? Como podem o financiamento e o mercado de capitais ajudar neste caminho?

As novas gerações apresentam, sem dúvida, uma maior consciência, conhecimento e interesse pelos temas da sustentabilidade em geral. E essa atitude traduz-se nas suas escolhas quanto a entidades empregadores que escolhem, quanto aos produtos e serviços que consomem, e também na forma como investem as suas poupanças. As empresas que não reconheçam esta tendência estrutural vão ter muito mais dificuldade em atrair talentos, em se manterem competitivas e também na obtenção de financiamento.

O mercado de capitais está a dar um contributo muito relevante, e crescente, para apoiar

esta transformação, em boa parte resultante da crescente procura dos investidores por finanças sustentáveis. Na Euronext, uma das nossas áreas de maior desenvolvimento é a que se refere aos produtos e serviços relacionados com o investimento sustentável ou responsável. A Euronext tem vindo a oferecer um conjunto crescente de índices ESG – por exemplo, o ESG Large 80 ou o Low Carbon 100 – cujo objetivo é dar aos investidores a possibilidade de investirem de uma forma fácil e eficiente em cabazes de ações de empresas com os melhores desempenhos em indicadores de sustentabilidade. E já são mais de 100 os índices ESG que disponibilizamos. E temos empresas portuguesas em 17 destes índices. Estes índices são cada vez mais utilizados por gestores de fundos e de ativos em geral, para disponibilizarem ETF e outros fundos sustentáveis aos cidadãos. Os ETF (Exchange Traded Funds) são fundos “passivos”, isto é, replicam índices de mercado, e, portanto, constituem uma forma fácil, diversificada e de baixo custo para aplicar poupanças também

ENTREVISTA

com foco na sustentabilidade. A Euronext já disponibiliza cerca de 540 ETF ESG.

Segundo o IMD World Competitiveness Ranking 2022, Portugal desceu 6 posições face a 2021 e ocupa agora a 42ª posição do ranking das economias mais competitivas a nível mundial. Em que medida as duas dimensões, competitividade e sustentabilidade, são compatíveis e copromotoras do crescimento económico e desenvolvimento social do País? Como pode Portugal, dada a reduzida dimensão das nossas empresas e a sua fraca capitalização, evoluir significativamente?

O presente e o futuro da competitividade das empresas passa, obrigatoriamente, pela sua abordagem estratégica aos temas da sustentabilidade. A consideração de temas ambientais, sociais e de bom governo das organizações já não podem ser temas laterais ou meramente de marketing empresarial, mas devem fazer parte integrante da análise de oportunidades



e riscos estratégicos das empresas. Por outro lado, é preciso ganhar dimensão, que permita diluir os investimentos necessários por uma escala mais eficiente. Há sinais positivos de movimentos de fusão e concentração em alguns setores da economia portuguesa, mas é preciso continuar o caminho. As empresas cotadas estão mais expostas ao escrutínio dos investidores, do ecossistema financeiro, e até dos cidadãos em geral, e, nesse sentido, estão também a ficar mais bem preparadas para as transformações necessárias. Em Portugal, seria muito importante que mais empresas recorressem ao mercado de capitais, beneficiando, em simultâneo, de mais fontes de financiamento ao crescimento sustentável, incluindo a atração de investimento estrangeiro, mas, também, como forma de muscularem a sua organização e as suas equipas para um novo roteiro estratégico que têm de adotar.

O Grupo Euronext, reconhecendo as dificuldades das empresas de menor dimensão no acesso a conhecimento relacionado com os ODS e fatores ESG [Environmental, Social and Governance], desenvolveu um conjunto de serviços, que visam, precisamente, apoiar as empresas no seu caminho de integração dos fatores ambientais, na consideração de fatores sociais e na evolução dos modelos de governo.

A baixa produtividade está identificada como um dos grandes “handicaps” do crescimento económico do País. No seu entendimento, quais os ODS que mais podem contribuir para a alteração desta situação? E como podem o financiamento e o mercado de capitais apoiar este crescimento da produtividade e da economia?

A baixa produtividade em Portugal está relacionada com um conjunto vasto de fatores,

ENTREVISTA

entre os quais se inclui o nível de formação e qualificação dos portugueses, reduzido nível de investimento e descapitalização das empresas, e alguma excessiva regulamentação e burocratização dos serviços públicos. Nestas matérias, e no que respeita, mais concretamente, à melhoria e diversificação do acesso das empresas a fontes de financiamento e ao desenvolvimento do mercado de capitais, foi realizado, em 2020 e 2021, um estudo muito completo e profundo pela OCDE. Este estudo identifica um conjunto

**A Euronext já oferece
mais de 100 índices ESG
para investimento
fácil e eficiente
em cabazes de ações
de empresas com os
melhores desempenhos
nos indicadores de
sustentabilidade.
E temos empresas
portuguesas
em 17 destes índices.**



de áreas nas quais se deve intervir, e que resumiria nos seguintes vetores:

1. Simplificação e inovação regulatória, eliminando excessos que se foram acumulando nas últimas décadas, e aplicando princípios de materialidade e proporcionalidade – por exemplo, no regime das emissões de obrigações ou no reporte da sustentabilidade;
2. Incentivar a poupança de médio e longo prazo, designadamente através de um regime de financiamento das pensões que introduza uma componente de capitalização privada;
3. Apoiar e desenvolver programas de literacia de mercado, incluindo literacia em finanças sustentáveis, dirigida a investidores, mas também na perspetiva do financiamento das empresas (programas de aceleração de negócios, capacitação e financiamento) – Portugal ainda revela níveis muito baixos de literacia financeira e de finanças sustentáveis;
4. Perspetivar uma política fiscal que seja incentivadora da poupança e do investimento de médio e longo prazo, e que suporte uma reforma dos sistema de pensões; do lado das empresas é também necessário promover um contexto fiscal que apoie e incentive as empresas nesta trajetória;
5. Recorrer aos mecanismos públicos de partilha de risco (e.g. garantia mútua ou co-investimento) para criar veículos agregadores de investimento nas empresas de menor dimensão.

Estas medidas são estruturantes e exigentes, mas as grandes transformações exigem que se mobilizem os esforços em torno de um desígnio nacional, mobilizando diversas medidas e diferentes atores, de uma forma persistente, abrangente, e continuada no tempo. ■

MAIS CRESCIMENTO, MAIS SUSTENTABILIDADE

Portugal tem tido progresso, mas partimos e estamos num nível de desenvolvimento muito baixo de sustentabilidade, e também de crescimento económico.

É esta a realidade retratada no último relatório do Eurostat onde é feita uma análise à implementação dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável na União Europeia e nos 27 Estados-membros.

A existência dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e de rankings e métricas de sustentabilidade faculta aos decisores uma informação valiosíssima, permitindo-lhes fazer comparações e garantir a evolução das organizações públicas e privadas que lideram, aumentando o bem-estar geral das comunidades. Por outro lado, coloca do lado dos cidadãos um duplo poder de responsabilidade e de exigência cívica. É minha opinião de que, sobre este último ponto, estamos cada vez mais bem preparados, geração após geração, para lidar com este desafio.

Uma análise mais fina dos indicadores que compõem o ob-



PAULO CALDAS

Diretor de Economia, Financiamento
e Inovação da AIP

jetivo da sustentabilidade, na área da indústria, inovação e infraestrutura, permite-nos perceber a evolução do nosso País. **São eles o peso da Despesa de Investigação e Desenvolvimento no PIB, o pessoal afeto à I&D em percentagem da população ativa, o nível do transporte coletivo de passageiros, e a percentagem de famílias com acesso a internet rápida.**

Relativamente ao indicador peso da Despesa de Investi-

gação e Desenvolvimento no PIB, a tendência nos últimos 20 anos é positiva (passámos de um valor de 0,72%, em 2000, para um valor de 1,62%, em 2020) mas apesar deste progresso aquele valor é claramente abaixo da média da União Europeia (2,32% do PIB). Comparando com os países de Leste, estamos abaixo da Eslovénia (2,15%), República Checa (1,99%) e Estónia (1,79%) e estamos significativamente abaixo dos que investem mais, Suécia (3,53%) e Bélgica (3,48%).

Evolução semelhante tem o Indicador do pessoal afeto à I&D em percentagem da População ativa. Portugal tem uma evolução bastante significativa (passámos de 0,47% da população para 1,36%, de 2002 para 2020) mas que fica novamente abaixo da média da EU (1,445%) e da Eslovénia, República Checa e Irlanda. A Dinamarca, Bélgica e Finlândia, nas posições

ANÁLISE

A AIP tem em curso ações e projetos de interligação entre universidades e empresas com o objetivo destas utilizarem as significativas competências técnicas existentes em algumas universidades e centros de investigação.

cimeiras, têm mais de 2% da sua população ativa afeta a atividades de investigação e desenvolvimento.

Pensamos que o esforço de investimento em I&D, quer público quer empresarial, tem de ser complementado com mais parcerias estratégicas entre Estado, Universidades e empresas, que apostem em setores onde Portugal tem competitividade internacional e em que esteja integrado em cadeias de valor global (moldes e plásticos, química, industrial e refinação, engenharia e construção, automóvel, energias, aeronáutica, calçado e têxtil, agroalimentar, tecnologias de informação e eletrónica, saúde e biotecnologias, economia do mar, destacando os principais).

Devemos ainda integrar mestrados e doutorados nas empresas e promover cada vez mais investigação aplicada que permita integrar a inovação no valor acrescentado de produtos e serviços competitivos internacionalmente. A AIP tem pugnando por este acréscimo de produtividade das nossas empresas e tem em curso neste momento ações e projetos de interligação entre Universidades e empresas que vão no sentido das empresas utilizarem as significativas competências

técnicas de que algumas universidades e centros de investigação dispõem.

Relativamente ao transporte coletivo de passageiros (% de quilómetros viajados em autocarro e comboio comparativamente ao total de kms em viagens), tem-se registado um declínio nos últimos 20 anos, passando de 18,3% (em 2000) para 11,7% (em 2020). Estamos abaixo da média da UE (17,2%) e de países líderes como a Hungria (28,4%), República Checa e Eslovénia (26,2%).

Este indicador é explicado pela ausência de uma aposta nos transportes coletivos de passageiros, mas fundamentalmente na falta de investimento na ferrovia (com implicações significativas no transporte de mercadorias) que esperamos que venha a ser invertida nesta década com os investimentos que estão previstos no âmbito do PRR e Portugal 2030.

No que respeita à percentagem de famílias com acesso a internet rápida, registamos um progresso muito significativo deste indicador (passámos de 42,1% para 90,5%, de 2013 para 2021). Estamos acima da média da UE (70,2%), só sendo ultrapassados por Malta (100%), Luxemburgo (95,9%), Dinamarca (94,9%), Espanha

ANÁLISE

(93,8%), Letónia (90,7%) e Países Baixos (90,6%).

A evolução favorável de Portugal no Objetivo de Sustentabilidade Indústria, Inovação e Infraestrutura não pode ser dissociada de outros Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, nomeadamente da Qualidade de Educação (onde temos tido progressos significativos nas duas últimas décadas, mesmo comparativamente à UE), e o Objetivo de Energia limpa e adquirível (igualmente progresso, especialmente na % de produção e utilização de energias renováveis).

Por outro lado, numa visão claramente negativa, associando ao Objetivo de Trabalho decente e crescimento económico, **comparamos muito mal no PIB per capita**. Em 2021, era de 17.920 EUR Vs 27.810 Eur (na UE), estando a ser ultrapassados por todos os Países de leste (em 2025, as perspetivas são a de que só a Bulgária estará atrás de nós; atualmente com 6.690 Eur per capita).

A baixa produtividade e fraco crescimento económico são o maior fator impeditivo de um desenvolvimento sustentável do nosso País. Devem-se a fatores de atraso estrutural, destacando os custos de contexto do Estado e, por outro lado, a

A baixa
produtividade e
o fraco
crescimento
económico são
o maior fator
impeditivo de um
desenvolvimento
sustentável
do nosso País.

falta de dimensão crítica e de capitalização das nossas empresas (em 2020, as micro-empresas representavam 89% das 484 mil sociedades e 16% do volume de negócios).

Aproveitando as subvenções da UE previstas até 2030, nas linhas estratégicas definidas de resiliência, digitalização/inação da economia e agenda climática, devemos privilegiar políticas públicas que facilitem o crescimento (orgânico e através de fusões e aquisições) e a capitalização das nossas empresas, a par da flexibilização do mercado laboral e de uma menor intervenção do Estado na economia, agindo como agente facilitador e não como obstáculo ao desenvolvimento sustentável.

Em suma, para que a aposta estratégica no investimento produtivo e na nossa competitividade externa sejam sustentáveis parece-me fundamental garantir, por um lado, o **redimensionamento empresarial**, dada a pequena dimensão das empresas portuguesas e a sua fraquíssima capitalização (as micro e pequenas empresas são cerca de 60% a 80% menos produtivas do que as médias e grandes). Por outro lado, são fundamentais, como anteriormente referido, **reduzir a dívida pública, o peso do Estado na economia e implementar arrojadas políticas fiscais e laborais**, que mantenham e criem emprego de forma sustentada. A nossa carga fiscal está acima dos 35% do PIB - Portugal apresentou a 5ª maior subida e é um dos 8 países da União Europeia que fez crescer a sua carga fiscal. Só com estabilidade e desagravamento fiscal conseguiremos aumentar a competitividade externa da economia, fazendo crescer a nossa intensidade de exportação acima dos 50% e até dos 60% do PIB, mas também criando mais incentivos e condições para atrair investimento nacional e os fundamentais investimentos diretos de empresas estrangeiras, cruciais para uma maior e efetiva sustentabilidade do País. ■

DOSSIER



TRANSFORMAR O NOSSO MUNDO





BPI. ODS 1. 2. 5. 10

IMPULSIONAR O FINANCIAMENTO SUSTENTÁVEL



Banco pretende contribuir para o desenvolvimento sustentável apoiando empresas e projetos empenhados na transição para uma economia neutra em carbono e no desenvol-

vimento social, com enfoque na inclusão e justiça social.

O BPI reconhece o seu papel na prossecução de uma visão de longo prazo para o desenvolvimento mais sustentável da sociedade portuguesa. Para tal, o Banco tem vindo a integrar os fatores ESG (Environment, Social and Governance) na sua gestão corporativa e desenvolvimento do negócio.

O BPI assume-se como um protagonista ativo do desenvolvimento sustentável apoiando empresas, projetos e iniciativas empenhados em mitigar e responder às alterações climáticas, acelerar a transição para uma economia neutra em carbono e impulsionar o desenvolvimento da sociedade, com enfoque na inclusão e justiça social.

Como tal, o BPI lançou o seu Plano Diretor de Sustentabilidade 2022-2024 reforçando o seu compromisso com a economia e a sociedade, com o objetivo de apoiar a transição sustentável de empresas e particulares, e li-



Foto: Rui Oliveira

• JOÃO OLIVEIRA E COSTA
CEO do BPI

derar em impacto social positivo e nas melhores práticas de governação.

Entre as metas definidas para 2024, o BPI propõe-se alcançar 4 mil milhões de euros em volume de negócio sustentável, tendo em vista atingir a neutralidade carbónica na carteira de financiamento e investimento até 2050, atingir 43% de mulheres em posições diretivas e apoiar cerca de 200 mil pessoas no âmbito do seu compromisso social. Para este último objetivo, estão previstos 120 milhões de euros de investimento BPI | Fundação "la Caixa" para o triénio 2022-2024.



Este plano de ação do BPI permitirá contribuir para sete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, nomeadamente na área do combate à pobreza e desigualdades, ação climática, trabalho digno e crescimento económico, entre outros.

FINANCIAMENTO SUSTENTÁVEL

O BPI é, desde a sua génese, um banco para as empresas, contribuindo para o seu crescimento sustentado, com equipas dedicadas de estruturação, oferta, análise de risco e dinamização de negócio.

Com a oferta específica e a prestação de serviços de forma especializada e segmentada, está preparado para apoiar as empresas a

adotarem padrões de produção e consumo mais sustentáveis, apresentando uma oferta de soluções competitivas, que tenham em consideração as temáticas ESG, assim como efetuando aconselhamento especializado na montagem de financiamentos estruturados que atendam a este tipo de práticas.

Nessa matéria, no primeiro semestre de 2022, o BPI reforçou a oferta sustentável direcionada às empresas, com o lançamento de novos produtos e apoio em operações de dívida sustentável, nomeadamente da linha de financiamento de 500 milhões de euros que pretende apoiar as empresas na transição para a sustentabilidade, financiando PME que privilegiem fatores ambientais, sociais e de governance (ESG) na sua estratégia e/ou nos seus investimentos.



Foto: Rui Oliveira



Paralelamente, o BPI e o seu acionista CaixaBank formalizaram algumas das principais operações de financiamento sustentável – obrigações verdes, obrigações Sustainability-Linked, Programas de Papel Comercial, entre outras – em Portugal com empresas como: EDP, NOS, Sonae, Altri, BA Glass, Corticeira Amorim, Navigator e Lusiaves.

Na área do investimento, a BPI Gestão de Ativos lançou os fundos BPI Impacto Clima, os primeiros fundos portugueses com objetivo de investimento sustentável e que cumprem com os requisitos de transparência na divulgação de informações pré contratuais.

“ACELERADOR DE SUSTENTABILIDADE”

Em 2022, o Expresso e o BPI lançaram o “Acelerador de Sustentabilidade”, um projeto dirigido a empresas com o objetivo de apoiar o desenvolvimento de uma nova cultura de sustentabilidade e alavancar a utilização dos fundos disponíveis para a transição sustentável. Com o tema da sustentabilidade na agenda das empresas, este projeto vai correr o país para debater temas como a descarbonização, energias renováveis e economia circular, olhando também para setores como o turismo, imobiliário e agricultura. O “Acelerador de Sustentabilidade” conta com o apoio técnico da EY, Nova Business School e Beta-i, como parceiros.

Serão seis eventos de aceleração, sobre seis temas, ao longo de seis meses e em seis cidades diferentes, onde serão apresentados exemplos práticos, estratégias e metodologias para avançar com o processo de transição sustentável. Adicionalmente, os Clientes BPI terão oportunidade de aceder a uma aca-



linha de financiamento
de 500 milhões de
euros apoia as empresas
na transição para a
sustentabilidade,
financiando PME que
privilegiem fatores
ambientais, sociais e de
governance na sua
estratégia e/ou nos seus
investimentos

demia com conteúdos exclusivos, no âmbito das várias temáticas abordadas. A primeira sessão com o tema “Acelerar: Descarbonização” decorreu no dia 8 de julho, no Porto, e contou com a presença de 40 das principais empresas da região. ■



BRISA. ODS 3

CIRCULAR PARA A VIDA



A sustentabilidade é parte integrante dos objetivos, da estratégia e das operações da Brisa, constitui um elemento distintivo da sua atividade desde o início deste século e determina uma parte considerável da sua atividade institucional.

Com a definição do novo plano estratégico para 2021-2025 - Vision 25, aprovado pelos acionistas em maio de 2021, o Grupo Brisa entrou num ciclo de crescimento, com o propósito de “transformar a qualidade de vida das comunidades, ligando as pessoas através de uma mobilidade simples, segura e sustentável”.

Este novo ciclo contempla as ambições de crescimento para os próximos anos, e reforça o compromisso da empresa com a Sustentabilidade, que é um dos cinco valores corporativos da Brisa, juntamente com a Ética, a Excelência, a Inovação e as Pessoas.

Além destes valores, a **Brisa reconhece a importância dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**, que adotou como referência desde 2017, tendo vindo a integrá-los progressivamente na sua ação. Em 2021, o compromisso com os ODS passou a estar refletido nas prioridades estratégicas ESG para o período 2021-2025, com sete metas claras e ambiciosas:



• VASCO DE MELLO
Presidente da Brisa

- Redução em 60% das emissões de carbono de Âmbito 1 e 2 até 2030 com a aspiração de chegar à neutralidade carbónica em 2045;
- Recuperação e regeneração da biodiversidade e dos ecossistemas;
- Implementação da economia circular a 100%, nas compras e fornecimentos, até 2030;
- Redução em 50% do número de mortos e feridos graves em acidentes rodoviários até 2030, face a 2020, com vista a atingir o objetivo “Zero Mortos”;



- Cumprimento de todos os processos e cadeia de valor dos compromissos assumidos de direitos humanos das Nações Unidas;

- Meta de 30% dos cargos de liderança exercidos por mulheres e duplicar o número de mulheres em cargos de gestão de 1ª linha, até 2025;

- Contratar pelo menos duas pessoas portadoras de deficiência, por ano, até 2025.

As metas definidas são abrangentes, envolvem as várias empresas do Grupo, os seus colaboradores e parceiros, e têm sido avançadas por um conjunto diverso de projetos ligados à transição energética, ao consumo de energia “limpa”, à gestão de resíduos, água e efluentes, à biodiversidade, à segurança rodoviária, à saúde e segurança no trabalho e ao apoio às comunidades locais.



Reduzir o número de mortos e feridos graves, nas autoestradas sob a sua gestão, em 50% até 2030, face a 2020, sempre com a ambição de atingir o limite de Zero Mortos.



Alguns desses projetos materializam-se através de vários investimentos em atividades de áreas relacionadas com a transição energética, a operação, manutenção e melhoria das autoestradas, sistemas de controlo, soluções técnicas e de gestão para responder a emergências com impacto na segurança rodoviária. A Brisa definiu, aliás, como objetivo reduzir o número de mortos e feridos graves, nas autoestradas sob a sua gestão, em 50% até 2030, face a 2020, sempre com a ambição de atingir o limite de Zero Mortos.

Outros investimentos têm sido levados a cabo no que se refere à saúde e segurança no trabalho, com particular incidência na melhoria das condições de proteção e visibilidade dos trabalhos em vias abertas ao tráfego, com o reforço da sinalética e com a aquisição de veículos de proteção com atenuadores de impacto para proteger a zona de trabalhos nas vias, indo de encontro às exigências da Norma ISO 45001.

Um caminho que se fará ao longo dos próximos anos sempre com o foco no propósito “tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis”. ■



Várias empresas do Grupo, colaboradores e parceiros estão envolvidos nos projetos ligados à transição energética, ao consumo de energia “limpa”, à gestão de resíduos, água e efluentes, à biodiversidade, à segurança rodoviária, à saúde e segurança no trabalho e ao apoio às comunidades locais.



GENERIS. ODS 3

NEGÓCIO ÉTICO, EQUITATIVO E CONSCIENTE



Criada em 2002, a Generis depressa se tornou uma empresa líder em Portugal no mercado de medicamentos genéricos. Em 2006, adquire a sua primeira instalação fabril, com o objetivo de implementar uma estratégia de crescimento sólida e sustentada. Hoje, faz parte do Grupo Aurobindo, presente em mais de 20 países e verticalmente integrado, desde a I&D à comercialização. O Grupo detém 26 fábricas equipadas com tecnologia de ponta e exporta para mais de 150 países.

Nos últimos dois anos, as organizações em todo o mundo exibiram muita resiliência e cooperação para combater a pandemia. A indústria farmacêutica, apesar das circunstâncias desafiadoras, assegurou o fornecimento de medicamentos essenciais às populações e continuou a trabalhar para garantir a saúde e o bem-estar global.

A pandemia serviu para tirarmos muitas lições e, em particular, asseverou que a sustentabilidade é um factor crítico para o desenvolvimento e progresso económico.

O Grupo promove “a excelência da excelência” no ambiente, saúde e segurança (EHS – Environment, Health and Safety), áreas centrais da sua estratégia de crescimento.

O foco de longo prazo, alinhado com o crescente interesse num crescimento sustentável,



• LUÍS ABRANTES
CEO da Generis | Grupo Aurobindo

tem influenciado a forma como expande e aborda – cada vez mais e com maior interesse –, a gestão ambiental, social e corporativa dentro da organização.

Neste momento em que o Grupo completa 35 anos, promove uma “Vida Mais Saudável”. Pretendemos alargar esse compromisso para a criação de um ecossistema mais saudável em parceria com todos os nossos stakeholders, incluindo governos e comunidades com as quais nos relacionamos. Para este fim, articulamos uma estrutura de sustentabilidade

e estratégia, que incorpora as considerações ESG (“Environmental, social and corporate governance”) em toda a cadeia de valor e enfatiza as áreas de foco e as metas a serem alcançadas até 2025, em alinhamento com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS).

Levando adiante o compromisso de limitar o nosso impacto sobre as alterações climáticas, o Grupo, do qual a Generis faz parte, iniciou uma jornada de descarbonização alinhada com a SBTi (SBTi – Science Based Targets Initiative). Esta jornada vai agilizar os nossos esforços para reduzir as emissões de gases de efeito estufa (GEE) e apoiar as metas para a ação climática que foram discutidas em Glasgow, na Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima de 2021.

Grupo Aurobindo, que completa 35 anos, promove uma “Vida Mais Saudável” em parceria com governos e comunidades. Reduziu a pegada de carbono em 5,5% em toda a organização no ano 2021





REDUZINDO A PEGADA DE CARBONO

As alterações climáticas são um dos desafios mais prementes para a sociedade atual, afetando a qualidade de vida das pessoas e do planeta como um todo. Como resultado de várias iniciativas, conseguimos reduzir a pegada de carbono em 5,5% em toda a organização no ano 2021.

Implementámos inúmeras iniciativas para minimizar consumo de energia nas nossas operações, o que contribuiu para uma redução de 52.725 tCO₂. Esta redução incluiu a atualização de tecnologia para minimizar o consumo e iniciativas de otimização de energia em equipamentos existentes.

Além disso, evitámos a emissão de 13.883 tCO₂ por substituição de carvão por biomassa e 13.117 tCO₂e em emissões por recuperação de vapor. A substituição do transporte aéreo por transporte marítimo também permitiu reduzir as emissões em 12.079 tCO₂e em

toda a nossa operação de logística. No futuro, pretendemos transportar 90% da nossa carga através de vias marítimas de forma a reduzir ainda mais a nossa pegada de carbono.

Mas os nossos esforços não se focaram apenas na redução de emissões. Iniciativas de compensação de carbono também foram realizadas em vários países que incluíram a plantação de mais de 60.000 árvores e várias espécies indígenas. Estes esforços têm suportado o equilíbrio ecológico natural e contribuído para a captação de 14.439 tCO₂e de carbono.

ENERGIAS RENOVÁVEIS

O Grupo possui também uma capacidade para produzir energia solar de 30 MW em Andhra Pradesh, que gerou 1.59.822 MWh de energia desde o 2018. Juntamente com energia renovável, usamos biomassa como combustível nas nossas caldeiras que contribuíram para cerca de 3% do total da energia consumida. Daqui para frente, continuaremos a avaliar adoção de fontes de energia renováveis para utilização nas nossas instalações.

GESTÃO DA ÁGUA

Reciclamos e reutilizamos 7,9% de água, ou seja, 2.73.815 m³ nas nossas operações. O esforço na gestão da água em todas as nossas unidades fabris inclui o aproveitamento das águas da chuva que contribuem também para não degradar ainda mais os solos.

A Generis Grupo Aurobindo está confiante que irá alcançar os objetivos para criar um ecossistema saudável que seja ético, equitativo e ambientalmente consciente, integrando os elementos ESG (Environmental, social, and corporate governance) como fatores críticos do seu negócio. ■



Associação Sociedade do Bem. ODS 4

EDUCAR AS EMOÇÕES



Implementado a partir do nível pré-escolar, o programa “Pequenos Corações Gigantes” da Associação Sociedade do Bem leva às salas de aula a aprendizagem emocional. De uma forma dinâmica, ajuda os mais novos a aceitar todas as emoções e a interpretar as suas mensagens, bem como a prevenir preconceitos, comportamentos agressivos, insucesso ou abandono escolar.

Ao longo das sessões, as crianças desenvolvem atividades em que aprendem a reconhecer as suas emoções, a manter a calma em situações de frustração e de ira, treinam a empatia e refletem sobre a influência das suas atitudes e comportamentos na vida dos outros. Para cada programa é convidado a participar um “heartbuilder”, alguém que intervém de uma forma positiva na sociedade e que tem vontade de inspirar as crianças.

Estas estratégias, entendidas numa perspetiva preventiva de uma série de problemas que podem ter lugar na infância e na juventude, como falta de autoconfiança ou autoestima, fraca valorização da escola, dificuldades relacionais, agressividade, indisciplina, insucesso escolar, entre outros, poderão ser adaptadas ao contexto de sala de aula de professores do ensino básico e por educadores de infância.

Para Susana Pedro, presidente e fundadora da Associação, “é fundamental que as crian-



• SUSANA PEDRO

Fundadora e presidente da Direção da Associação Sociedade do Bem

ças aprendam desde cedo a reconhecer as suas emoções, pois esse é o primeiro passo para aprenderem a reconhecer as emoções dos outros. Só assim conseguem colocar-se no lugar das outras pessoas, imaginar o que estarão os outros a sentir, ajudá-los se necessário”.

Aquela responsável é coordenadora de programas de desenvolvimento emocional e social, autora do livro “Que cores têm as tuas palavras?”, pós-graduada em Neuroeducação, certificada em competências emocionais e sociais e instrutora de meditação e relaxamento para crianças.



EQUIPA MULTIDISCIPLINAR

Associação sem fins lucrativos sediada em Évora, a Sociedade do Bem dedica-se ao desenvolvimento de competências emocionais e sociais aliadas à cidadania.

A sua equipa multidisciplinar apoia sobretudo crianças e jovens em contexto escolar, mas o trabalho da associação abrange também a organização de workshops dirigidos à comunidade educativa, atividades direcionadas para famílias, edição de livros infantis na área das emoções, bem como outros projetos e parcerias com diferentes entidades.

Ao longo dos anos foram muitas as distinções recebidas por esta associação, cuja área de atuação vai ao encontro do ODS 4, ao promover uma educação inclusiva, de qualidade e equi-

tativa: em 2015, foi a vencedora da Bolsa ES Jovem/Nos Alive/ Cooperativa António Sérgio para a Economia Social; em 2016, finalista do Prémio Empreendedor Social, da Fundação AIP, Montepio Geral e IES - Social Business School; e, em 2018, arrecadou o Prémio Nuno Viegas Nascimento, da Fundação Bissaya Barreto.

Muitas destas distinções assentaram no reconhecimento da excecionalidade do programa “Pequenos Corações Gigantes”.

CRIAÇÃO LITERÁRIA E PROJETO “AS CRIANÇAS CONTAM”

Parte do trabalho associativo passa pela criação literária. Em 2017, lançou o livro infantil “Que cores têm as tuas palavras?” – da autoria de Susana Pedro –, um ponto de partida para explorar com as crianças o que sentem





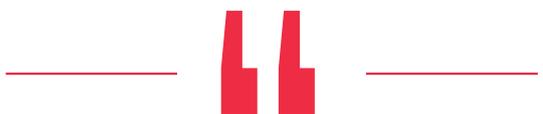
e o que podem fazer para gerir tudo o que estão a sentir (Editora Manuscrito).

Em 2019, foi lançado o livro infantil “Há por aí alguém igual a mim?”, um livro-jogo que conta a história da Mimi, que queria ser igual a todas as outras crianças, mas que descobriu que é ser tal e qual como é, que a torna tão especial (Livros Horizonte).

“10 histórias para ensinar as crianças o que são as emoções” foi apresentado em 2020, com dicas para que mães e pais possam, em família, aprender a gerir da melhor forma as suas emoções.

Um ano depois, veio “Uma minhoca na cabeça”, que aborda as preocupações e a falta de autoestima que muitas vezes impedem as crianças de atingirem os seus objetivos.

No início da pandemia a Sociedade lançou o projeto “As crianças Contam”. Para além de transmitir mensagens positivas, o movimen-



É fundamental que as crianças aprendam desde cedo a reconhecer as suas emoções, pois esse é o primeiro passo para aprender a reconhecer as emoções dos outros. Só assim conseguem colocar-se no lugar das outras pessoas, imaginar o que estarão os outros a sentir, ajudá-los se necessário

to #ascriançascontam teve como objetivo desenvolver o gosto pela leitura, aumentar o vocabulário, desenvolver a empatia e despertar a curiosidade nos mais novos.

O projeto “As Crianças Contam” recebeu uma menção honrosa no âmbito do Prémio Maria José Nogueira Pinto 2020, que visa o trabalho desenvolvido por pessoas coletivas, que se tenham destacado no âmbito de ações de responsabilidade socialmente ativas, em território nacional.

Para saber mais: www.sociedadedobem.org ■



Clearenergy. ODS 4

“BÊ-Á-BÁ” DO HIDROGÉNIO CRIA VIVEIRO DE ESPECIALISTAS



O ano de 2023 poderá assinalar um novo marco histórico na transição energética em Portugal caso haja um investimento firme em literacia do hidrogénio ao nível do ensino. Novos programas didáticos irão pôr termo a preconceitos e travar o desperdício de recursos em tecnologias invasoras e prejudiciais ao ambiente.

“Devido à atual urgência climática e dependência energética e seguindo a excelente dinâmica do programa de formação, na área da literacia para o hidrogénio, desenvolvido pelo Instituto Politécnico de Portalegre e promovido em parceria com a AIP, somos forçados a repensar prioridades considerando fundamental incorporar no nosso portfólio produtos e programas pedagógicos para a literacia do hidrogénio, como catalisadores no desenvolvimento de massa-crítica e cadeia de valor para a rápida transição energética”, anuncia Eduardo Pereira, cofundador da Clearenergy, Lda., e especialista em tecnologia de construção naval e máquinas, gestor de reparações navais e investigador industrial com duas patentes e dois modelos industriais.

A ClearEnergy dedica-se à comercialização e implementação de tecnologias para armazenamento sustentável de energia como solução para a intermitência na produção de energias renováveis não invasivas – sol, vento



• EDUARDO PEREIRA
Sócio da CLEARENERGY

e marés –, nomeadamente hidrogénio e seus derivados sintéticos.

Na área da educação, a empresa comercializa equipamentos e programas em formato “STEAM &DIY”, específicos para a literacia do hidrogénio e energias renováveis, em representação das “HorizonEducational” e “Helio-centrisAcademia”, insígnias que abrangem todas as faixas etárias, desde o ensino básico até ao laboratório mais sofisticado de investigação e desenvolvimento de novas soluções. O estudo do hidrogénio, a molécula mais abundante do universo e menos prejudicial

ao meio ambiente, encontra-se, em Portugal, numa fase embrionária, segundo a análise de Eduardo Pereira: “Está reservado a laboratórios universitários. Existe uma carência enorme de massa crítica ao nível dos stakeholders mais influentes sobre temas como a tecnologia, potencial e suas vantagens comparativas e a deficiência de recursos humanos para os projetos das indústrias de produção de hidrogénio já em carteira. Levar a ciência do hidrogénio a todas as escolas do país, incluindo-a nos seus programas curriculares, vai alimentar o viveiro de especialistas em assuntos de H₂, essenciais na transição energética para a sustentabilidade”.

Para além da mão-de-obra necessária aos projetos de produção industrial de hidrogénio já em carteira, “também o setor da mobilidade, onde o hidrogénio aparece como alternativa credível, vive um período de incerteza, com uma parte da força laboral a sair dos cursos



A excelente formação para o hidrogénio, desenvolvida pelo IP de Portalegre e promovida pela AIP, levou-nos a oferecer programas pedagógicos que desenvolvam massa-crítica e cadeia de valor para a rápida transição energética

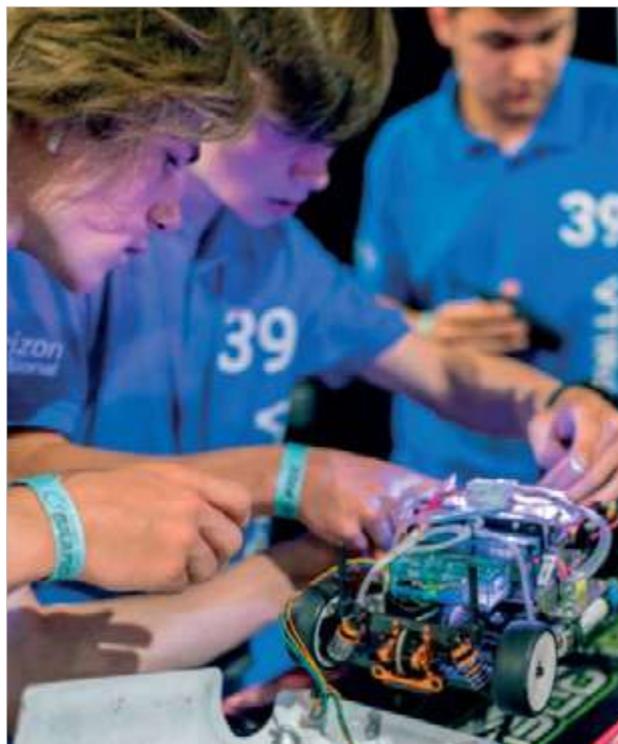




de mecatrónica automóvel com perspetivas reduzidas a partir de 2035”, sublinha aquele investigador ao avançar outro facto preocupante que confirma a falta de profissionais: “É de salientar que durante o benchmarking para atrair fabricantes ao mercado nacional, alguns ainda escusam exportar para Portugal por escassez de massa crítica nacional neste setor”.

Programa DIYrace para 2.º: Princípios básicos da ciência e da engenharia, juntamente com a conscientização sobre sustentabilidade e energia renovável. Permite que os alunos projetem e construam os seus próprios bólidos movidos a células de combustível usando materiais reciclados. Processo de planificação seguro e aconselhamento profissional durante todo o processo. Aumento das perspetivas de trabalho e de carreira para os jovens. Investimento seguro graças à qualidade excelente das ferramentas e dos recursos de ensino. Uso otimizado dos laboratórios como equipamentos educativos personalizados de acordo com as necessidades académicas. Design profissional dos equipamentos de acordo com as normas internacionais. Equipamento educativo de última geração graças aos componentes industriais aplicados a estes equipamentos didáticos.

Programa Horizon Hydrogen Grand Prix: Programa com duração de um semestre ao nível do 3ºCiclo e Secundária, prepara os alunos para se relacionarem com os problemas ambientais construindo e competindo com carros telecomandados movido por hidrogénio. Formar as próximas gerações com um sentido apurado de criatividade, engenharia e habilidades de pensamento crítico, é um autêntico incentivo para futuros engenheiros. Abrange vários campos da ciência e engenharia e oferece aos estudantes portugueses a oportunidade de aplicar talento por meio de experiências científicas e tra-



balhos manuais em materiais curriculares, à medida que aprendem matérias essenciais como sustentabilidade ambiental, energia renovável e combustíveis alternativos. Desde 2015 que o H2GP tem crescido com sucesso. Participam mais de 3000 alunos e, apesar do cancelamento de todas as competições devido ao Covid-19, as comunidades reforçaram o interesse. Recentemente, a Hyzon-Motors inaugurou nos EUA uma linha de produção de pilhas de 120Kw, com tecnologia subjacente à utilizada pelos alunos no programa “H2GP”.

A indústria do hidrogénio e das células de combustível está a começar e os jovens participantes no “H2GP” apresentam capacidades para desmontar as pilhas de combustível e integrá-las novamente num carro de corrida de classe mundial. A apetência das organizações internacionais para aproveitar mão-



de-obra qualificada nesta tecnologia e a necessidade da literacia em hidrogénio a partir deste ano letivo em Portugal.

Fuel Cell Trainer: Projetado especificamente para cobrir requisitos do ensino Profissional ou profissionalizante. Sistema validado suporta a implementação de cursos profissionais práticos, reduzindo o tempo e o custo da formação. Ajuda o estudo teórico de parâmetros fundamentais, por meio de uma série de experiências práticas comparativas. O caráter modular permite que os alunos examinem cada componente individualmente e possam aumentar de forma gradual o nível de dificuldade para conhecer sistemas de células de combustível.

Hybrid Energy Lab: O “HEL” é um sistema projetado para formação politécnica/universitária, oferece uma ampla gama de aplicações teóricas e práticas em processos energéticos híbridos de baterias e células eletroquímicas. Os parâmetros obtidos – quer seja no módulo interno de baterias, quer em baterias interligadas pelo utilizador –, caracterizam comportamentos dinâmicos e fornecem dados sobre os processos eletroquímicos para análise e comparação pelo programa informático integrado e posterior ajuste. O software baseado em LabVIEW permite recolher, validar modelos comparativos reais, através dos algoritmos de controle e definição de parâmetros do sistema e, em seguida, executar simulações em tempo real. Uma API permite interligação para partilha de dados, com aplicativos externos, como Matlab e MS Excel e muitos outros.

New Energy Lab: Simulador de investigação com maior capacidade para estudo e treino prático em gestão energética. O sistema combina fontes primárias a partir de energia solar, eólica e de células de combustível, com



Também o setor da mobilidade, onde o hidrogénio aparece como alternativa credível, vive um período de incerteza, com uma parte da força laboral a sair dos cursos de mecatrónica automóvel com perspectivas reduzidas a partir de 2035

a mais recente tecnologia de armazenamento de energia para formar um sistema híbrido autónomo. Otimizado para centros de investigação, as três formas de energia primária (solar, eólica e célula de combustível) podem ser estudadas individualmente ou integradas num sistema global.

A monitorização e controle das cargas e potências por meio dos gráficos de caracterização e dados do sistema, resultam da conjugação entre a extensa lista de parâmetros de leitura com 60 sensores. ■



Janz. ODS 6

PROFUNDA TRANSFORMAÇÃO HÍDRICA



Gianpaolo Anselmi, diretor-geral da Janz, empresa centenária e a única fabricante de contadores de água na Península Ibérica, garante que o cumprimento do ODS 6 só poderá ser alcançado com uma “transição digital do setor”, avançada pela “implementação de sistemas de telemetria e gestão remota”.

“Há ainda um longo caminho pela frente, só possível com uma profunda transformação do setor hídrico, usando todas as tecnologias possíveis nesse sentido”, alerta aquele responsável.

A racionalização do uso da água, uma maior reciclagem e reutilização da água, a racionalização da produção de águas residuais recuperáveis e, por último, a eficiência dos sistemas de monitorização do uso da água, são quatro prioridades identificadas por alguns países para promover a eficiência hídrica. Para Gianpaolo Anselmi, a utilização de sistemas de telemetria e gestão, “que controlam com precisão todas as redes de distribuição de água”, irão permitir o “cumprimento de todos os objetivos” acima mencionados.

O diretor-geral da Janz relembra as estatísticas mundiais que “posicionam o setor da água no último patamar, no que diz respeito a tecnologias e transformação digital”. Os contadores de água inteligentes “cobrem apenas 9% do parque total instalado”, enquanto os



• GIANPAOLO ANSELMI

Diretor-geral da Janz

contadores de gás “representam 11%” e os “contadores elétricos, 31%”.

A introdução da telemetria do Smart Metering “requer investimentos avultados”, sendo esse o principal obstáculo para a sua introdução rápida, agravado pelo fato de o princípio do utilizador/pagador ficar muito aquém do necessário para recuperação dos valores investidos.

Porém, os “investimentos necessários diminuem todos os anos”, mas a “experiência já adquirida no setor do gás e da eletricidade a nível



mundial pode ajudar na escolha da tecnologia certa e na abordagem de mercado”. Para o diretor-geral da marca tudo indica que a “mudança está para breve”.

O setor de água trabalha com um dos recursos mais importantes do planeta, sem o qual nada é possível. O acesso a estes serviços progride em todo o mundo a um ritmo lento, antevendo que a percentagem de pessoas com estas carências irá diminuir apenas um ponto percentual por ano.

Gianpaolo Anselmi está confiante de que é chegado o momento de o setor agarrar a oportunidade com o objetivo de “contribuir para um mundo melhor para todos”. ■



Experiência já adquirida no setor do gás e da eletricidade a nível mundial pode ajudar na escolha da tecnologia certa e na abordagem de mercado



Premier Tech Water and Environment Portugal. ODS 6

O SEGREDO ESTÁ NA CHUVA



Fabricante de soluções para águas pluviais e residuais, armazenamento de líquidos, sanitários portáteis e gestão de resíduos, a Premier Tech

Water and Environment Portugal está empenhada na defesa do bem mais precioso do planeta, em especial através da regeneração dos aquíferos.

“Reduzir o consumo de água potável e utilizar a da chuva para aplicações permitidas”, são medidas apontadas por Fernando Monteiro Carreira, diretor-geral da sucursal portuguesa, que tem sede no Montijo e está presente no nosso país há cerca de 10 anos. “Evitando perdas por escoamento e dando a opção de infiltração direta no solo, contribuem para a regeneração dos aquíferos”, explica.

A gestão correta das águas residuais, por seu turno, “é muito importante para evitar a contaminação de ambientes aquáticos tais como rios, mares ou mesmo aquíferos”, alerta aquele responsável, referindo o equipamento disponível para o fazer: “As nossas soluções vão desde uma simples fossa séptica a sistemas com um grau de tratamento mais elevado, tais como o biofiltro Ecoflo e as estações SBR e MBBR”.

Quase a completar um século de história, a casa-mãe – com sede em Rivière-du-Loup, Québec, no Canadá –, tem norteado a sua atividade a fazer a diferença para alimentar, proteger e melhorar o nosso planeta.



• FERNANDO MONTEIRO CARREIRA
Diretor-geral da sucursal portuguesa

Quando a divisão Water and Environment foi criada, em 1995, a Premier Tech – que hoje conta com mais de 1.400 colaboradores e está presente em 12 países –, entrou num setor crucial para o desenvolvimento socioeconómico, ou seja, a gestão adequada da água e a sustentabilidade da Terra.

Além da conceção e fabrico de soluções, a empresa dispõe de uma equipa de engenharia pronta a prestar serviço técnico em qualquer fase do projeto: conceção, construção e instalação; acompanhamento da obra e oferta de manutenção regular, efetuada pela própria equipa especializada nas diferentes tecnologias do setor. ■



instalação de um sistema de recuperação das águas pluviais numa habitação.



Reduzir o consumo de água potável e utilizar a da chuva para aplicações permitidas, evitando perdas por escorrimento e dando a opção de infiltração direta no solo, contribuem para a regeneração dos aquíferos



Instalação de um biofiltro Ecoflo num albergue de montanha.



Bondalti . ODS 7

HIDROGÉNIO VERDE: A VANTAGEM DO SABER FAZER



O “know-how” da Bondalti na produção de hidrogénio abre novos caminhos para uma transição energética que não irá ficar circunscrita às necessidades da empresa. Trata-se de uma via através da qual a companhia pretende dar um contributo para a descarbonização da economia em geral, criando impacto positivo em toda a sociedade. É nesta dupla perspectiva – interna e externa - que a Bondalti assume o compromisso com o ODS 7 (Energia Acessível e Limpa).

A Bondalti, maior empresa da indústria química nacional, pertencente ao Grupo José de Mello, está fortemente empenhada em contribuir para o desenvolvimento de projetos de larga escala relacionados com o hidrogénio verde, colocando a indústria química do lado da solução, no quadro da busca por modelos de desenvolvimento mais sustentáveis.

Esta é uma área na qual a companhia detém intenso conhecimento, fruto da larga experiência na eletrólise. Este processo, ao qual a empresa recorre há décadas para o fabrico de cloro e derivados, nos quais é líder ibérica, tem como subproduto o hidrogénio.

Em entrevista recente ao semanário Expresso, o presidente da Bondalti, João de



• JOÃO DE MELLO
Presidente da Bondalti

Mello, referia: “Somos quem mais sabe de tecnologia de produção de hidrogénio em Portugal”. O CEO aludia à vantagem competitiva nesta área, e ao seu envolvimento em diversos projetos de âmbito nacional e internacional relacionados com a produção do denominado “hidrogénio verde”, o qual se distingue do convencional por ser obtido a partir de processos de eletrólise alimentados exclusivamente por energias renováveis, nomeadamente solar e eólica.



Os consórcios em que a Bondalti se encontra envolvida constituem passos muito relevantes no âmbito da transição energética, entre os quais os dois de maior dimensão que se projetam em Portugal: Sines e Estarreja.

O cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável relativo à Energia Acessível e Limpa (ODS 7), no qual se inserem estes projetos e iniciativas de âmbito externo, prossegue também a nível interno. A empresa propõe-se atingir a neutralidade carbónica e utilizar a totalidade da energia consumida com origem em fontes renováveis até 2030, bem como aumentar a circularidade nas cadeias de valor em que opera. A maximização da eficiência e a otimização dos seus processos industriais representaram, nos últimos anos, um investimento superior a 300 milhões de euros.



A maximização da eficiência e a otimização dos processos industriais da Bondalti representaram, nos últimos anos, um investimento superior a 300 milhões de euros.



O hidrogénio verde é hoje considerado um alicerce fundamental para se atingir a neutralidade carbónica de países, empresas e organizações. Tal como refere o director-executivo da **Agência Internacional de Energia**, Fatih Birol, “o mundo não pode perder esta oportunidade única de fazer do hidrogénio um importante pilar do nosso futuro energético, que se pretende limpo e seguro”.

LÍTIO VERDE: PROJETO PIONEIRO ARRANCA EM PORTUGAL

Outro projeto em que a Bondalti se encontra fortemente empenhada está relacionado com o lítio verde, numa iniciativa pioneira, sem recurso a mineração.

Desenvolvido em parceria com uma empresa australiana, tem como novidade o uso de ele-



Desenvolvido em parceria com uma empresa australiana, [o projeto do lítio verde] tem como novidade o uso de eletrólise e de energia elétrica renovável para a produção de dois compostos de lítio (hidróxido e carbonato), com elevada sustentabilidade e mínimo impacte ambiental.

trólise e de energia elétrica renovável para a produção de dois compostos de lítio (hidróxido e carbonato), com elevada sustentabilidade e mínimo impacte ambiental.

Os produtos daqui decorrentes são integrados nos cátodos das baterias de íão lítio, hoje amplamente disseminadas nos mais diversos equipamentos e na indústria automóvel. Para 2023 está prevista a entrada em funcionamento em Estarreja de uma unidade-piloto com esta tecnologia. ■



C2C-NewCap. ODS 7 e ODS 9

SUPERCONDENSADORES DE ENERGIA LIMPA M INDÚSTRIA DOS TRANSPORTES



Empresa portuguesa fundada em 2014 e sediada em Odivelas, a C2C-NewCap desenvolve super-

condensadores com foco em tecnologias de armazenamento de energia inovadoras e amigas do ambiente.

A C2C-NewCap é uma spin-off do Instituto Superior Técnico - Universidade de Lisboa,

com participação de investigadores do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e do Instituto Politécnico de Setúbal.

“A missão da empresa é contribuir para a transição energética e para os objectivos definidos pela União Europeia no pacote “Objetivo 55”, introduzindo no mercado soluções revolucionárias de armazenamento de energia, baseadas na tecnologia dos



• ANDRÉ MÃO DE FERRO
Administrador e fundador da C2C-NewCap



• RUI PEDRO SILVA
Administrador e fundador da C2C-NewCap



supercondensadores, que permitem uma utilização eficiente da energia com custos ambientais mais baixos”, relevam os seus administradores e fundadores, Rui Pedro Silva e André Mão de Ferro.

Um supercondensador, também conhecido como ultracondensador, é um dispositivo de armazenamento de energia, semelhante a uma bateria, mas com parâmetros de desempenho distintos como elevada potência - podendo ser carregado quase instantaneamente -, elevada fiabilidade e tempo de vida muito alargado.

Existem vários tipos de supercondensadores, sendo o mais comum o tipo carbono-carbono, ou simétricos, com eletrólito orgânico, altamente inflamável. A fim de melhorar o desempenho, segurança, pegada ecológica e preço, a C2C desenvolveu um design inovador de supercondensadores, composto por uma combinação de níquel e carbono, num eletrólito aquoso não inflamável e de baixo impacto ambiental.

Os supercondensadores híbridos aquosos produzidos pela C2C-NewCap são particularmente adequados para aplicações de alta potência, como sistemas de arranque de motores e sistemas de armazenamento de energia para integração de energia renováveis e estabilização da rede elétrica.

GO-START, o primeiro produto da C2C-NewCap, é uma solução plug-and-play que assegura, de forma fiável, o arranque do motor de veículos pesados. É facilmente instalado, substitui baterias de chumbo e diminui os custos operacionais, relacionados com falhas de baterias, durante o ciclo de vida do veículo.

A utilização do GO-START permite uma redução significativa do consumo de chumbo e



A utilização do GO-START permite uma redução significativa do consumo de chumbo e combustíveis fósseis não renováveis e das emissões de carbono na indústria dos transportes



combustíveis fósseis não renováveis e das emissões de carbono na indústria dos transportes.

Em paralelo, a C2C-NewCap tem vários produtos em fase de I&D para aplicação em sistemas híbridos de armazenamento de energia, que combinam supercondensadores e baterias (de ião lítio ou de escoamento) e soluções para conversão de corrente alternada para corrente contínua em aplicações eletrónicas. ■



EDP - ODS 7 e ODS 13

RENOVÁVEIS E AÇÃO CLIMÁTICA: UMA CORRIDA CONTRA O TEMPO



Vivemos hoje aquela que é a década decisiva para o planeta. Nas palavras do Secretário-Geral das

Nações Unidas, António Guterres, “a emergência climática é uma corrida que estamos a perder, mas uma que ainda podemos ganhar” e para isso temos escolhas a fazer, cientes de que ditarão o nosso amanhã.

Nesse sentido, existem para a EDP dois Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) prioritários: Energias Renováveis e Acessíveis (ODS 7) e Ação Climática (ODS 13), nas quais se enquadra o seu grande compromisso de atingir 100% de produção renovável e a neutralidade carbónica até 2030.

Dado o seu peso nas emissões globais de carbono, produtoras e comercializadoras de energia como a EDP estão a fazer um investimento massivo em novas fontes de energia limpa. No entanto, para conseguir realmente inverter o preocupante contexto climático em que vivemos, é necessário que a transição energética aconteça também do lado dos consumidores.

É, por isso, responsabilidade das *utilities* simplificar este caminho e levar aos clientes soluções inovadoras e sustentáveis para que, também eles, sejam agentes de mudança. Um dos maiores exemplos é a energia solar, que deixou de estar apenas concentrada nas grandes produtoras, e passou a estar acessível de



• MIGUEL STILWELL D'ANDRADE
Presidente executivo da EDP

forma descentralizada às famílias e empresas, oferecendo autonomia da rede e reduções na fatura da eletricidade. Em 2021, a EDP registou um crescimento expressivo no número de solicitações de clientes com soluções solares: passou de 200 MWp para cerca de 500 MWp contratados em solar distribuído a nível global – ou seja, mais do que duplicou num ano tudo o que tinha instalado até então, mesmo depois de 2020 já ter sido um ano recorde. Até 2025, a empresa tem como meta instalar mais de 2 GW de energia solar descentralizada em casas e empresas.



Com vista a esse objetivo, durante 2021, a EDP efetuou mais de 22 mil instalações em clientes residenciais e tem vindo a fechar grandes projetos com relevantes empresas de todos os setores. A Burger King em Espanha é um grande caso de sucesso, tendo a EDP fechado um acordo para a instalação de painéis fotovoltaicos em cerca de 300 restaurantes desta cadeia. No total, o plano prevê a instalação de mais de 12 mil painéis fotovoltaicos, que ocuparão uma área de 25 mil metros quadrados,



A até ao final de 2022, a EDP quer ter garantida a contratação de mais 3 mil pontos de carregamento na Península Ibérica, aumentando de forma decisiva o seu contributo para este setor em dois dos mercados onde tem maior presença, e tem ainda a ambição de atingir os 40 mil pontos de carregamento, públicos e privados, até 2025.

o equivalente a quase quatro campos de futebol, e vai permitir gerar energia equivalente ao consumo médio de eletricidade de mais de 2.000 residências (mais de 7.700 megawatts-hora). Através desta energia será possível preparar 39 milhões de hambúrgueres nos vários restaurantes da cadeia de restauração. Esta opção por energia renovável vai permitir também reduzir as emissões de CO2 em mais de 2.300 toneladas por ano, quase oito toneladas por restaurante.



No entanto, a EDP tem hoje uma abrangência cada vez mais global, tendo já contratado mais de 1.4GWp em três continentes e 12 mercados antes da mais recente aquisição da alemã Kronos Solar.

Esta internacionalização está espelhada nos clientes empresariais que confiam na EDP para entregar projetos em várias geografias. É o caso da Faurecia, empresa multinacional presente na Europa, Ásia e Estados Unidos, que irá instalar até 100 MWp de energia solar distribuída por mais de 60 parques solares de autoconsumo nas suas fábricas em Portugal, Espanha, Itália, Estados Unidos, China, Coreia do Sul, Japão e Tailândia até ao final de 2023. Este é o maior projeto de energia solar distribuída assegurado até ao momento pelo Grupo EDP e o primeiro a ser instalado com o mesmo parceiro em vários continentes em simultâneo.

A mobilidade elétrica é outro dos pilares estratégicos da transição energética: além de forne-



A EDP tem hoje uma abrangência cada vez mais global, tendo já contratado mais de 1.4GWp em três continentes e 12 mercados antes da mais recente aquisição da alemã Kronos Solar



cer soluções de carregamento privado, a EDP está a trabalhar para garantir a capilaridade da rede pública, contribuindo para ultrapassar uma das grandes barreiras à adoção massiva de veículos elétricos, e tem já mais de 1.400 carregadores públicos contratados. Nos primeiros seis meses do ano foram feitos 170 mil carregamentos na rede pública gerida pela EDP. Estes carregamentos foram feitos nos pontos que a EDP tem instalados em 120 municípios do país.

Até ao final de 2022, a EDP quer ter garantida a contratação de mais 3 mil pontos de carregamento na Península Ibérica, aumentando de forma decisiva o seu contributo para este setor em dois dos mercados onde tem maior presença, e tem ainda a ambição de atingir os 40 mil pontos de carregamento, públicos e privados, até 2025.

O relógio não para e hoje, mais do que nunca, não temos tempo para ter tempo. Temos de agir para mudar, já hoje, o amanhã. ■





Grupo MWC. ODS 8. 10. 11

PAIXÃO PELO DOURO GERA PROGRAMA MENIN QUE APOIA ASSOCIAÇÕES E JOVENS



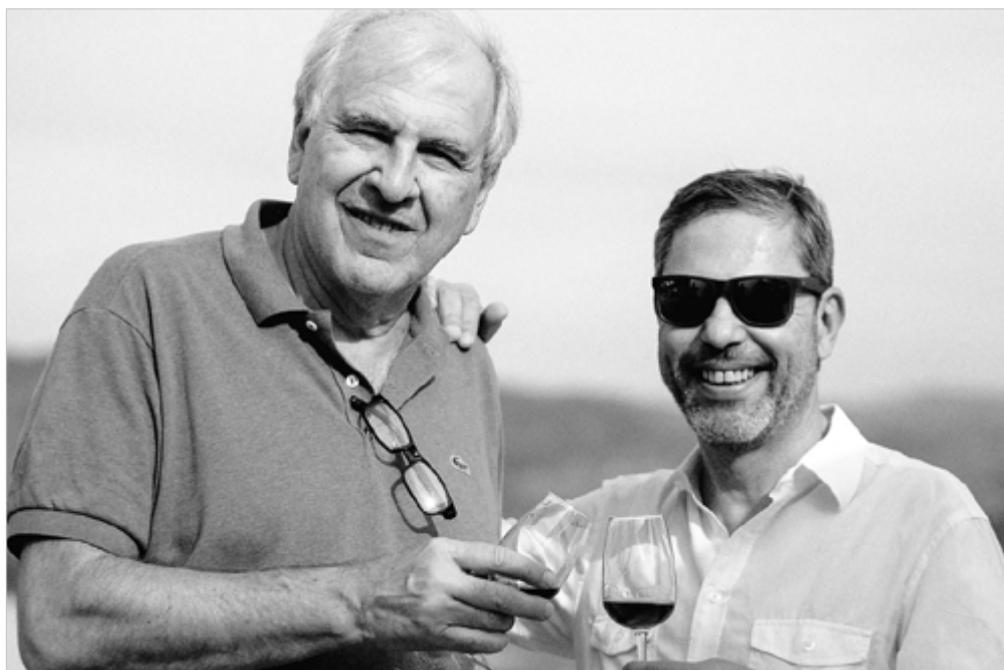
Criada em 2018, a MWC – Menin Wine Company nasce de um sonho: produzir grandes vinhos do Douro e colocá-los no mundo, apoiando instituições locais e motivando os mais novos a

permanecer na região. Para responder a este desiderato, a MWC criou o Programa de Desenvolvimento Local Menin, promovido por uma das marcas do grupo, a Menin Douro Estates.



A iniciativa visa apoiar em termos sociais e económicos instituições e associações com um papel activo na comunidade e na promoção do território.

Lançado em 2021, o Programa Menin cumpre este ano a sua segunda edição, com **candidaturas abertas**, e gratuitas, até 31 de dezembro. Abrange cinco áreas: Educação, Artes e Artesanato, Turismo, Gastronomia e Desporto. Depois de analisados os projetos, as ajudas são dadas consoante as necessidades de cada um, com resultados imediatos e visíveis.



• RUBENS MENIN
• CRISTIANO GOMES
Fundadores da Menin Wine Company



DOSSIER



“O nosso objectivo é poder contribuir para melhorar a vida das pessoas nas comunidades”, ou seja, “gerar renda, criar emprego e ajudar os jovens a permanecerem nas suas aldeias e cidades, com mais oportunidades”, salienta Beatriz Menin, coorganizadora e embaixadora do programa, ao revelar que “o compromisso para a ação social faz parte do “adn” do grupo Menin”.

Uma escola que necessite de obras, material ou aquecimento no Inverno; formação profissional; apoio para a promoção na área do turismo; ou uma ambulância para os bombeiros são alguns exemplos de possíveis ações deste projeto impulsionador e multidisciplinar.

O contato de proximidade com as associações e as diversas comunidades, desenvolvido por Mônica Lopes, embaixadora da iniciativa, e pela equipa MWC, revelam a “vontade e o dinamismo que existe em criar valor na região”.

Rubens Menin e Cristiano Gomes, fundadores do Grupo MWC, destacam o espírito associativo intrínseco neste programa de desenvolvimento local cuja missão “melhorar as instituições que tanto impacto têm na região em termos sociais e económicos”.

“Procuram-se instituições que resgatem técnicas de arte ancestrais e artesanato esquecido

no tempo, que partilhem conhecimento e o transmitam às gerações futuras, que promovam a inclusão nas comunidades ou que incentivem a gastronomia e o turismo local, gerando renda e empregos”, reforçam.

O programa abrange a região do Douro na sua totalidade. São elegíveis todos os projetos, já existentes, ou novos, de instituições públicas ou privadas que comprovem o seu contributo para o incremento do nível de vida das comunidades durienses, com destaque para a fixação das gerações mais jovens no território.

É importante tomar nota que o programa não prevê apoios sob a forma monetária, mas sim





Beatriz Menin e Mônica Lopes, embaixadoras do Programa de Desenvolvimento Local Menin

em equipamentos, materiais, obras, entre outros. As candidaturas serão analisadas por uma comissão composta por membros do Grupo Menin e parceiros independentes.

As instituições, por sua vez, designam um membro interlocutor para responder a questões que auxiliam na tomada de decisão.

Os projetos selecionados serão acompanhados por membros da comissão, que farão visitas periódicas em datas a definir em conjunto, reconhecimentos estes de que resultarão relatórios sobre a evolução das atividades.

Projetos apoiados pela MWC na primeira edição do Programa de Desenvolvimento Local Menin: Associação Cultural Recreativa e Desportiva da Cumieira (compra e instalação de um parque infantil); Centro Humanitário de Sabrosa da Cruz Vermelha Portuguesa / “Apoiar para Incluir” (aquisição de camas manuais, colchões, grades, colchões anti escaras e cadeiras de rodas); Growgreen Food Association / “Gerações Unidas +” (oferta de cinco tablets para a realização de atividades com a população mais idosa).

Rubens Menin, um dos maiores empresários brasileiros, com vasto portfólio de negócios,



Procuram-se instituições que resgatem técnicas de arte ancestrais e artesanato esquecido no tempo, que partilhem conhecimento e o transmitam às gerações futuras, que promovam a inclusão nas comunidades ou que incentivem a gastronomia e o turismo local, gerando renda e empregos.

que vai da banca, à maior construtora da América Latina, e Cristiano Gomes, sócio e empresário com carreira na área financeira, juntaram-se para realizar uma paixão de ambos.

Há muito que Portugal estava na mira dos dois empreendedores pelas melhores razões, acabando por ser o país escolhido para um investimento inicial de 30 milhões de euros, que, entretanto, já atingiu os 60M€ e mais de 162 hectares. Uma operação que criará mais postos de trabalho e mais atratividade. ■



Siemens. ODS 11

MADEIRA MAIS VERDE SEM APAGÕES



Os madeirenses vão poder reduzir o consumo de combustíveis fósseis ao longo dos próximos dois a três anos, ao mesmo tempo que ganham maior independência energética sem afetar a qualidade ou a estabilidade da rede elétrica, graças à nova central de armazenamento de energia ao ar livre com baterias instalada pela Siemens, em parceria com a Fluence, e integrada num conceito de microrede.

Implantada ao lado da Central Termoelétrica da Vitória, esta infraestrutura já está em operação e deve-se à iniciativa da Empresa de Electricidade da Madeira (EEM), que adjudicou o projeto ao consórcio constituído por aquelas duas empresas.

A nova central permitirá à EEM melhorar a integração de energias renováveis, criando as condições para que a quota de renováveis no seu mix energético aumente significativamente para cerca de 50%.

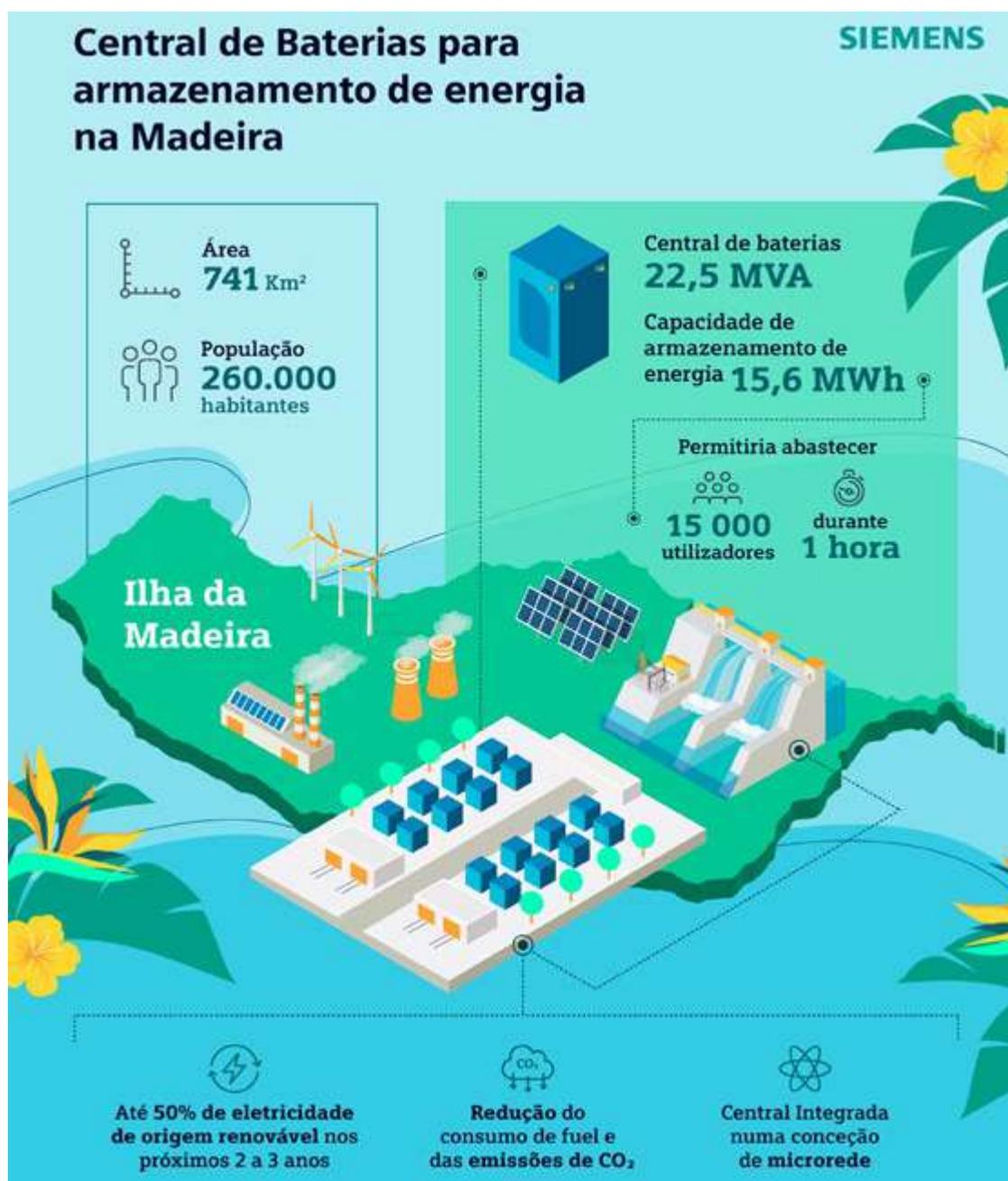
Integrado num conceito de microrede, o sistema de armazenamento de energia com baterias também melhorará a sustentabilidade da ilha, uma vez que reduzirá a sua pegada de carbono e integrará fontes de produção de energia mais diversificadas.



• STEPHAN MAY
CEO da unidade de negócios Distribution Systems da Siemens Smart Infrastructure



Quota de renováveis no seu mix energético aumenta para cerca de 50%



Ao mesmo tempo permitirá à EEM manter altos padrões de fiabilidade e disponibilidade na distribuição de energia. Uma das suas funcionalidades únicas será a capacidade de “blackstart” de uma parte da rede de 60 kV, permitindo a restauração dos serviços de rede em caso de uma falha de energia.

“As tecnologias de Grid Edge, tais como o armazenamento de energia, desempenham um papel fundamental na descarbonização de ilhas e comunidades remotas”, relewa Stephan May, CEO da unidade de negócios Distribution Systems da Siemens Smart Infrastructure, ao explicar as vantagens desta



solução: “Não só permitem a integração de fontes de energia renováveis intermitentes, como também aumentam a flexibilidade e a resiliência da rede elétrica. O sistema de armazenamento de energia na Madeira, combinado com as nossas soluções digitais para a gestão inteligente de energia, irá acelerar significativamente a sua transição para um fornecimento de energia sustentável e fiável”.

“Com a implementação na ilha desta central de armazenamento com baterias, pretendemos reduzir o número de geradores térmicos que dependem de combustíveis fósseis e aumentar a penetração de fontes de energia renováveis sem correr o risco de apagões, e ao mesmo tempo garantir uma regulação ótima da frequência do sistema elétrico da Madeira,” disse Francisco Taboada, presidente do Conselho de Administração da EEM. “Assim que entrar em serviço, esta central terá um papel extremamente importante como reserva energética rápida para fazer face a variações repentinas quer na produção, quer na carga.”

O projeto, executado em regime de “chave na mão”, abrange a construção de um sistema de armazenamento de energia com baterias com capacidade de 22,5 MVA/ 15,6 MWh.



Sistema de armazenamento de energia de 22,5 MVA / 15,6 MWh dá uma maior independência energética à ilha

A tecnologia de armazenamento de energia é fornecida pela Fluence, uma “joint venture” entre a Siemens e a AES. O consórcio é o responsável pela construção da solução de armazenamento ao ar livre, que inclui uma e-house, o produto Gridstack de sexta geração da Fluence e transformadores.

Para além do fornecimento dos quadros de baixa e média tensão e dos sistemas de proteção e controlo, a Siemens assegura ainda a total integração do sistema de armazenamento de energia na rede elétrica da ilha. O consórcio tem também a seu cargo a manutenção dos equipamentos e sistemas fornecidos durante os próximos 10 anos.

A Siemens tem um centro de competências internacional para microredes e armazenamento de energia localizado em Portugal. ■

Ocean.pt

**REFORÇAR A
INTERNACIONALIZAÇÃO
DA ECONOMIA DO MAR
PORTUGUESA E A SUA
ATRATIVIDADE NO EXTERIOR**

COMPETE
2020

PORTUGAL
2020

UNION EUROPEAN
COMMISSION

internacionalizacao@aip.pt www.aip.pt



Medway. ODS 11

LIGUE A SUA IDEIA AO CAMINHO-DE-FERRO



O sector da Logística e dos Transportes desempenha um papel crucial enquanto facilitador das trocas comerciais e na garantia da entrega de bens e de matérias-primas. Porém, vive um período altamente desafiante, essencialmente devido a duas condicionantes: por um lado, o impacto da pandemia na indústria que ainda hoje se faz sentir, nomeadamente com o encerramento de alguns portos chineses, como aquele que ocorreu em Xangai, cujos efeitos ainda hoje se fazem sentir, agravando a disrupção nas cadeias de abastecimento e no tráfego de contentores; e por outro, o conflito armado na Ucrânia, que tem provocado efeitos na economia à escala global e contribuído para o um aumento muito significativo dos custos energéticos.

Estas são situações que colocam em causa a sustentabilidade da indústria, na medida em que afetam a competitividade e os serviços daquele que é manifestamente o meio de transporte de mercadorias mais amigo do ambiente - o comboio.

O sector ferroviário será, talvez, dos poucos onde é unânime o reconhecimento da sua importância para a redução das emissões carbónicas e para a melhoria substancial de vida dos cidadãos, contribuindo para a redução da sinistralidade rodoviária, dos engarrafamentos e do mal-estar provocado pelo ruído.



• CARLOS VASCONCELOS
Administrador da Medway

Nos últimos meses, o custo da eletricidade subiu mais de 350% e o custo do gasóleo colorido cerca de 75%. Estes aumentos traduzem-se num significativo impacto nos custos operacionais pois na Medway representa mais de 30% da sua estrutura de custos.

Esta situação, a somar-se às obras em curso na rede ferroviária nacional, impacta a competitividade do sector, num momento fraturante, no qual é imperativo garantir uma gestão sustentável dos recursos do planeta



e para o qual a ferrovia pode representar um enorme contributo.

É nesse sentido que procuramos ser dinamizadores da transição para uma economia de baixo carbono, que valorize os ecossistemas e que seja geradora de bem-estar na sociedade.

Disponibilizamos anualmente um Certificado de Transporte Sustentável aos clientes que optam pelo comboio enquanto meio de transporte de mercadorias, indicando a quantidade de emissões de CO2 evitadas, e somos parte do Business Council for Sustainable Development (BCSD), entidade que representa as empresas nos fóruns internacionais mais reputados no tema de desenvolvimento sustentável, um compromisso de longo prazo que faz parte da nossa marca.



Nos últimos meses, o custo da eletricidade subiu mais de 350% e o custo do gasóleo colorido cerca de 75%. Estes aumentos na Medway representam mais de 30% da sua estrutura de custos.



A campanha de consciencialização para o uso do comboio enquanto meio de transporte mais sustentável com a decoração, com motivos sustentáveis, de uma locomotiva, pela artista portuguesa Kruella D'Enfer; a aquisição de 16 novas locomotivas elétricas e ainda o lançamento do nosso simulador ambiental online foram algumas das iniciativas mais relevantes que levámos a cabo no último ano para sensibilizar empresas e consumidores para a importância da ferrovia.

Desta forma, e em conjunto, todos contribuímos para a descarbonização da cadeia de abastecimento e do sector logístico. ■

Locomotiva decorada pela artista portuguesa Kruella D'Enfer, aquisição de 16 novas locomotivas elétricas e lançamento do simulador ambiental online são iniciativas destinadas a sensibilizar empresas e consumidores para a importância da ferrovia.





Delta Cafés | NÂM – Urban Mushroom Farm. ODS 12

O MILAGRE DAS BORRAS



Criada em 2020, em Marvila, a start up NÂM – Urban Mushroom Farm dá uma nova vida à borra de café através da recolha controlada nos clientes Delta, e na sua utilização para a produção sustentável e consciente de cogumelos. Estes, por sua vez, são depois vendidos em restaurantes e também podem ser adquiridos em mercados da cidade ou directamente na Urban Farm, conciliando a economia com a ecologia, que é o maior desafio do nosso tempo.

Comprometida em reforçar o seu posicionamento na construção de um mundo cada vez mais sustentável e em harmonia com os ODS, “a Delta Cafés mantém um papel activo na criação de valor para a sociedade, contribuindo para a adopção de comportamentos responsáveis em todas as dimensões do seu negócio”, releva Rui Miguel Nabeiro, CEO da empresa de Campo Maior.

Buscando continuamente a conciliação entre o modelo de crescimento económico e de sustentabilidade, a empresa de Campo Maior privilegia o desenvolvimento sustentado e a criação de projectos significativos para a sustentabilidade. Neste âmbito, associou-se à start up NÂM – Urban Mushroom Farm para, juntas, desenvolverem um projecto de economia circular.

Em apenas dois anos, a NÂM cresceu e a quinta de Marvila, juntamente com a unida-



Foto: Carolina Marta

• RUI MIGUEL NABEIRO
CEO da Delta Cafés

de de produção de Famões, em Odivelas, registam actualmente uma capacidade de produção de 30 toneladas de cogumelos anuais, o que equivale a 100 toneladas de borra de café reutilizada. Em termos de impacto ecológico, estes números traduzem-se ao equivalente a 480 árvores plantadas e menos 1200 carros em circulação, que permite uma redução anual de consumo de 48 toneladas de CO₂.

Em Junho de 2022, após o grande sucesso da primeira quinta urbana em Lisboa, o projecto de economia circular da Delta Cafés/NÂM expandiu-se para Cascais, dando o primeiro pas-



Foto: Carolina Marta

Rui Miguel Nabeiro, CEO da Delta Cafés e Natan Jacquemin, CEO da NÂM



Produção de 30 toneladas de cogumelos anuais equivale a 100 toneladas de borra de café reutilizada, 480 árvores plantadas e menos 1200 carros em circulação, o que permite uma redução anual de consumo de 48 toneladas de CO₂



so no alargamento geográfico do negócio. Instalando-se numa nova localidade, a NÂM pretende dar resposta à crescente procura dos seus cogumelos, criar uma ligação com a comunidade de agricultores urbanos de economia circular da autarquia de Cascais e, simultaneamente, ser um espaço de aprendizagens educativas, fomentando a visita de escolas, partilhando a paixão pela sustentabilidade, pela agricultura urbana, e inspiran-

do jovens empreendedores para criar ideias em prol de um mundo melhor.

A NÂM Urban Farm Cascais terá, nesta fase inicial, uma capacidade de produzir oito toneladas de cogumelos por ano e está incluída no plano de expansão geográfica que prevê a abertura de quintas urbanas em algumas das principais cidades portuguesas, sendo as próximas localizadas no Porto e em Braga. ■



A AIP APOIA NO LICENCIAMENTO INDUSTRIAL DE NORTE A SUL DO PAÍS

Contacte-nos:
licenciamento@aip.pt | 213 601 020





Herdade Vale da Rosa. ODS 12

A SUSTENTÁVEL RIQUEZA DA UVA PORTUGUESA

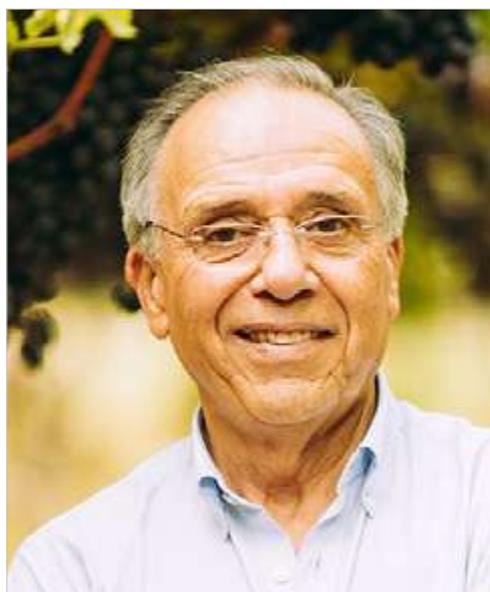


Exemplo de sucesso no mundo da exportação, a uva de mesa Vale da Rosa, com e sem grainha, produzida no Alentejo pela Herdade com o mesmo nome, é o corolário de uma “estratégia de reafirmação e consolidação da marca que sempre passou pela sustentabilidade, tendo a preocupação ambiental um grande peso nas decisões e escolhas do dia-a-dia”, diz António Silvestre Ferreira, responsável máximo desta empresa agrícola já com mais de 40 anos de existência.

A marca, que surgiu no ano de 2000, criou o seu território – qualidade e sabor – assente na produção sustentada, fazendo uma gestão otimizada dos recursos disponíveis e conservando corretamente as propriedades do solo.

Algumas das principais medidas tomadas na administração diária das propriedades da herdade, situadas em Ferreira do Alentejo, concentram-se e desenvolvem-se em seis pilares distintos: conservação do solo, gestão de água, fatores de produção, gestão das pragas, vermicompostagem e embalagem.

Na conservação do solo, a realização de enrelvamento entre linhas de cultura com diferentes espécies de trevo em consociação com leguminosas, tendo como objectivo melhorar a retenção de humidade no solo.



• ANTÓNIO SILVESTRE FERREIRA
Administrador e fundador da Herdade Vale da Rosa

A gestão de água, é feita através da administração eficiente da rega na vinha, utilizando tecnologia inovadora que permite a monitorização da humidade no solo, os dados da cultura e os indicadores meteorológicos. O sistema funciona em tempo real e permite o acompanhamento da cultura remotamente, através de software específico definindo o regime de regas mais adequado em cada situação.

Entre os fatores de produção, destacam-se e utilização criteriosa e minimizada de todos os



adubos e produtos químicos, com conhecimento exato das quantidades aplicadas por hectare e para cada variedade de uva produzida; e a utilização, sempre que possível, de produtos de origem natural, como por exemplo adubos à base de extratos de algas, adubos orgânicos azotados ou estrumes de origem animal.

A gestão de pragas, essa, exigiu a instalação na vinha de armadilhas cromotrópicas e feromonas para contagem de indivíduos de cada espécie e adequação dos meios de controlo; e a utilização, sempre que disponível no mercado, de bioinsecticidas com princípios ativos extraídos de plantas, por oposição a químicos de síntese, com menor impacto no ambiente.



Qualidade e sabor da
marca assenta na
produção sustentada e na
gestão otimizada dos
recursos disponíveis,
conservando corretamente
as propriedades do solo



DOSSIER

“Vermicompostagem” ou benefício do trabalho realizado por minhocas da espécie *eisenia fétida* – é possível produzir, a partir dos excedentes de uvas e folhas, misturados com estrume de vaca, um húmus orgânico, rico em bio nutrientes. Este adubo cem por cento natural permite, não só aumentar a recuperação de alguns dos resíduos, diminuindo ao mesmo tempo o consumo de matérias-primas, como aperfeiçoar a condição do solo, melhorando a sua capacidade de retenção de água.

Por último, o embalamento, sector em que todas as embalagens de plástico utilizadas são totalmente recicláveis e incorporam material reciclado no seu fabrico, permitindo reduzir a utilização de matérias-primas virgens. Nesta fase, dentro em breve será lançada no mercado uma nova embalagem que dispensa por completo a utilização de plástico no transporte da uva portuguesa Vale da Rosa. ■





Ingredient Odissey / Entogreen. ODS 12

A MÁQUINA DE FAZER INSECTOS



Dos 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, a Ingredient Odyssey SA, mais conhecida como EntoGreen, assume um papel relevante no cumprimento da meta de produção e consumo sustentável.

Focada na economia circular e no setor agroalimentar, a EntoGreen utiliza insetos como ferramenta na bioconversão de subprodutos criando soluções que contribuem para a sustentabilidade do sector agroalimentar, resolvendo dois grandes desafios globais: a escassez nutricional e os desperdícios alimentares.

Tendo inaugurado a sua Unidade de Investigação e Desenvolvimento (I&D) em Santarém, no passado dia 31 de maio de 2022, “a EntoGreen continua a afirmar-se internacionalmente pela inovação e tecnologia, sendo pioneira no combate aos desperdícios alimentares através de uma abordagem inovadora na qual se convertem subprodutos agroindustriais – que terminariam em aterro ou compostagem – em fertilizantes orgânicos e produtos para alimentação animal”, assegura Daniel Murta, CEO e fundador da Ingredient Odissey, dona da marca Entogreen.

Esta abordagem coloca a EntoGreen no cumprimento de várias metas do ODS 12 em Portugal, mas com especial enfoque nas metas 12.2. e 12.3, assegurando a utilização eficiente dos



• DANIEL MURTA
CEO e fundador da Ingredient Odissey

recursos naturais e evitando o desperdício alimentar.

Com a inauguração da unidade industrial, “a EntoGreen vê aumentada a sua responsabilidade no cumprimento destes objetivos, na medida em que passará a ser capaz de bioconverter mais de 100 toneladas diárias de subprodutos vegetais, os quais seriam desperdiçados, devolvendo-os à cadeia de valor agroalimentar”, refere aquele responsável ao explicar a origem e o destino dos mesmos: “Parte dos subprodutos



vegetais recebidos será bagaço de azeitona, um subproduto que é atualmente um desafio ambiental e económico para o setor português do azeite, pelo que urge encontrar soluções adicionais no seu tratamento. O bagaço de azeitona é assim um excelente exemplo de como esta ferramenta biológica consegue transformar um desafio numa oportunidade, gerando soluções nutricionais para plantas e animais”.

Através da utilização de insetos, “a EntoGreen consegue reduzir a pegada ambiental do setor primário, convertendo 37 mil toneladas anuais de subprodutos vegetais em 7000 toneladas de fertilizante orgânico, 2500 toneladas de proteína e 500 toneladas de óleo”, contabiliza Daniel Murta, prevendo um futuro melhor: “Assim, ao gerar novas matérias-primas, com recurso a desperdícios locais e de forma cem por cento circular, a EntoGreen contribui ainda para aumentar a capacidade produtiva do nosso país, sem alterar em nada a especificidade produtiva já instalada. Iremos gerar mais valor com os mesmos recursos”. ■



A EntoGreen converte 37 mil toneladas anuais de subprodutos vegetais em 7000 toneladas de fertilizante orgânico, 2500 toneladas de proteína e 500 toneladas de óleo.



The Navigator Company. ODS 13

CLIMA É PRIORIDADE ESTRATÉGICA NA COMPANHIA



Comprometida em tornar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas uma realidade, a Navigator teve este referencial em conta ao construir a sua Agenda de Gestão Responsável 2030. O ODS 13 – Ação Climática representa um dos eixos prioritários do compromisso da Companhia para com a sociedade.

A The Navigator Company, enquanto empresa industrial de base florestal, com uma função importante na produção nacional de energia elétrica renovável a partir de biomassa, tem por ambição contribuir para uma economia circular e de baixo carbono, afirmando o seu papel ativo na ação climática.

A abordagem da empresa a este tema tem várias frentes, com destaque para o Roteiro da Neutralidade Carbónica, que antecipa as metas internacionais e prevê, em 2035, ter todos os complexos industriais neutros em carbono.

Considerando o ano base de 2018, os objetivos da Navigator passam por reduzir em 86% as emissões diretas de CO₂ das suas fábricas, até 2035, sendo que, em 2021, esta diminuição chegou aos 30,1%; e por utilizar 80% de energia renovável no seu consumo total de energia primária em 2030, valor que, em 2021, estava já nos 77%.



2021 foi também o ano em que a Companhia aderiu à Science Based Targets initiative (SBTi), tendo submetido logo no momento da adesão as suas metas de redução de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) com base na mais atual ciência climática, dispensando, assim, o período de dois anos que as empresas dispõem e tipicamente utilizam para o fazer. Estas metas foram já aprovadas, reafirmando o alinhamento da Navigator com critérios e metodologias de base científica



que merecem reconhecimento internacional no âmbito da agenda global do clima. Além das iniciativas desenvolvidas no sentido de minimizar as emissões de CO₂ resultantes da sua atividade e de promover a melhoria do seu desempenho energético, é igualmente relevante, no âmbito do ODS 13, o papel desempenhado pelas florestas de produção, dada a sua capacidade para sequestrar e armazenar carbono.

O eucalipto, matéria-prima principal da atividade da The Navigator Company, é uma árvore de crescimento rápido, fruto de uma taxa de fotossíntese muito elevada, pelo que as suas plantações apresentam valores de captura anual de carbono superiores, por exemplo, às florestas de montado de sobro ou ao pinhal. A Companhia gere atualmente 104.673 hectares de área florestal certificada por sistemas internacionais de referência, tendo sido responsável pelo sequestro de cerca de 5,9 Mt de CO₂ em 2021.



Em julho passado, a Companhia firmou um acordo de princípio com a empresa alemã P2X Europe, com vista à produção, a partir de 2026, na Figueira da Foz, de e-SAFs (e-Sustainable Aviation Fuels), combustíveis sintéticos, neutros em carbono, produzidos a partir de hidrogénio verde e CO₂ biogénico gerado pelas bio refinarias da Navigator.



Fruto dos avanços científicos que colocam cada vez mais as florestas sustentáveis no centro do modelo de bioeconomia, a Navigator está a alargar o seu contributo para a descarbonização. Em julho passado, a Companhia firmou um acordo de princípio com a empresa alemã P2X Europe, com vista à produção, a partir de 2026, na Figueira da Foz, de e-SAFs (e-Sustainable Aviation Fuels), combustíveis sintéticos, neutros em carbono, produzidos a partir de hidrogénio verde e CO2 biogénico gerado pelas bio refinarias da Navigator.

Ao usarem exclusivamente energia solar ou eólica para alimentar a eletrólise que dá origem ao hidrogénio, juntamente com o CO2 biogénico originalmente sequestrado da atmosfera por fotossíntese e armazenado nas árvores, os e-SAF produzidos pela Navigator e pela P2X irão, na prática, armazenar energia solar e eólica num combustível líquido sintético e neutro

em carbono, compatível com os motores de combustão atuais da aviação, setor no qual a eletrificação se afigura ainda complexa, atendendo às exigências operacionais de peso e de autonomia.

Os e-SAF são especialmente promissores, pois permitem reduzir já hoje as emissões de carbono em 90 a 100% por comparação com o combustível de aviação convencional, que tem origem fóssil.

As alterações climáticas são, porventura, o desafio mais estruturante que a sociedade moderna enfrenta, já que afetam transversalmente a população e os recursos naturais. A Navigator, enquanto empresa industrial, gestora de património florestal e produtora de energia elétrica renovável, tem este tema no centro das suas preocupações e trabalha diariamente no sentido de impactar positivamente o ODS 13. ■





Grupo IWR/blueSOUL. ODS 14

NÃO LHE PASSA CARTÃO... NEM PLÁSTICO!



Fabricante de embalagens cem por cento biodegradáveis implantada em Setúbal, a blueSOUL oferece também como mais-valia o facto de as suas matérias-primas serem também compostáveis.

A marca encontra-se intimamente ligada à conservação do ambiente e comprometida em cada passo que dá com a sustentabilidade, não apenas porque acredita na criação de valor económico de forma sustentável, como também porque possui uma legítima preocupação com aquilo que a rodeia.

“Atua no mercado nacional e internacional com a expectativa de que até 2027 este se possa tornar num consumidor ativo de produtos alternativos ao plástico, em áreas como a cosmética, alimentar ou farmacêutica, promovendo a introdução de artigos inteiramente perecíveis na cadeia de valor ambiental”, ressalva Irene Monteiro de Almeida, CMO da blueSOUL, empresa e marca do Grupo IWR, que acaba de lançar a sua linha de produtos de “single use” em bio-resina.

O valor dos produtos da blueSOUL assenta na sua compostabilidade, que permite, ao contrário dos produtos poluentes, repor os mesmo de volta à terra, permitindo a sua utilização enquanto fertilizantes. Assume um papel de não exaustão na utilização de matérias-primas orgânicas, enquanto base produtora e industrial.



• IRENE MONTEIRO DE ALMEIDA
CMO do Grupo IWR/blueSOUL

Cria valor pela diferenciação de poder apresentar a mais completa gama de produtos bio-compostáveis com impacto quase nulo no fabrico de embalagens: por cada quilograma de embalagem produzida em plástico tradicional há a libertação de 3,5 kg de CO₂ para a atmosfera, o que se repete em termos quase equivalentes no processo de reciclagem, facto que contrasta com a produção de embalagens bio-compostáveis da blueSOUL, em que este impacto é praticamente nulo (<1kg CO₂).

A empresa está em sintonia com o ODS 14, respeitante à vida marinha: “Assegurar a conservação e o



uso sustentável dos oceanos e seus recursos pela implementação do direito internacional, como refletido na UNCLOS – Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar, que determina o enquadramento legal para a conservação e utilização sustentável dos oceanos e dos seus recursos”.

“A blueSOUL tem um papel relevante na diminuição de produtos como as embalagens de creme solar, as alimentares, e as de medicamentos e produtos cosméticos.

As matérias-primas produzidas pela blueSOUL, as bioresinas, utilizadas na indústria, permitem que possam vir a ser produzidos produtos como as redes de pes-



As matérias-primas produzidas pela blueSOUL, as bioresinas, são totalmente biodegradáveis



ca que são totalmente biodegradáveis e essenciais à atividade económica pesqueira. Tal como as resinas utilizadas na indústria alimentar, que é uma das que neste momento maior impacto causa: em quantidade, no seu manuseamento pelo cidadão comum, e na má utilização e processos de reciclagem.

Deste modo, a blueSOUL vai continuar o seu processo de R&D, na tentativa de poder apresentar ao mercado soluções cada vez mais apelativas e mais sustentáveis, colaborando com os mais importantes “think tanks” internacionais sobre o tema da sustentabilidade para chegar aos “stakeholders” com um produto de valor cada vez mais indiscutível por tudo aquilo que significa em termos de equilíbrio com o meio ambiente.

EMBALAGENS BIODEGRADÁVEIS

As embalagens e os produtos são 100% biodegradáveis, o que diminui o impacto no ambiente sendo o



Fabricados com matérias-primas naturais alternativas ao papel e plástico, os copos, as palhinhas e os sacos de resíduos são essenciais no dia-a-dia de vários setores como o Turismo

seu tempo de biodegradabilidade muito inferior ao do plástico - o equivalente aos restos alimentares.

EMBALAGENS COMPOSTÁVEIS

É um processo mais rápido e controlado. A compostabilidade permite a renovação dos produtos em fertilizantes, que voltam a ser utilizados na terra para gerar nova matéria-prima.

ALTERNATIVAS AO PLÁSTICO E CARTÃO

Os produtos acabados são fabricados com matérias-primas naturais, alternativas ao papel e plástico, como por exemplo copos, palhinhas, sacos de resíduos, uma linha complementar às embalagens, artigos estes que são essenciais ao dia-a-dia de vários setores económicos como o Turismo. ■



Casa Mendes Gonçalves / Paladin. ODS 15

VILA FELIZ CIDADE: A BIODIVERSIDADE PARA ASSEGURAR O FUTURO

A implementação de um sistema agrícola regenerativo pretende demonstrar que é possível associar sustentabilidade e negócio. O melhor exemplo deste modelo é a produção e utilização de pimentos picantes para fabrico de molhos pela Casa Mendes Gonçalves, dona da marca Paladin.



No momento em que são escritas estas palavras, chega-se ao fim de mais um dia em que os termómetros marcaram mais de 40°C. Este valor, comum nos Verões da Golegã, é cada vez mais alto a cada ano que passa. A Casa MG, conhecida pela sua marca Paladin, enfrenta agora este novo desafio em que o seu negócio é afetado com maior frequência por fenómenos climáticos extremos, que ocorrem e passam, mas também por alteração das condições climáticas de forma permanente.

Portugal está cada vez mais quente e seco, outras zonas do mundo, de onde são originárias matérias-primas importantes, também são afetadas. Nenhuma empresa consegue afirmar que se encontra imune às mudanças que se verificam no clima do planeta.

A Casa MG, que em 2022 publicou o seu primeiro relatório de sustentabilidade, relativo ao ano de 2021, detalha o seu propósito: “Ser uma referência na alimentação do Futuro, com Rigor e Exigência, impactando positivamente as nossas Pessoas,



Foto: Jerónimo Belo Jorge

• CARLOS MENDES GONÇALVES
Administrador e fundador da Casa Mendes Gonçalves

a Sociedade e o Meio Ambiente.” Esta frase ecoa nos corredores e salas da empresa para que cada colaborador tenha muito claro qual é a postura da empresa para o Futuro e quais as prioridades que



têm de ser consideradas nas decisões que são tomadas: as Pessoas, o Ambiente e a Sociedade.

Carlos Mendes Gonçalves, fundador da Casa MG, é também muito claro: “A alimentação do futuro e os produtos que um dia iremos produzir são de menor importância comparativamente com a forma como o faremos: é essencial que sejam produzidos com matérias-primas geradas em áreas próximas, com embalagens cada vez mais amigas do ambiente e que em cada etapa do processo a sustentabilidade seja o fator crítico de decisão, pois acreditamos que essa é a única forma de o fazer.”

O relatório de sustentabilidade não mostra apenas o negócio de produção de molhos, condimentos e vinagres, mas também o impacto que esta atividade agro-industrial tem no meio-ambiente e os ODS para que a Casa MG pretende contribuir. Este controlo do impacto permite que sejam tomadas medidas para o mitigar industrialmente, aumentando a eficiência da utilização de recursos e eliminando desperdícios, mas também mostra o que a empresa pode fazer para melhorar o planeta.

ESQUEMA AGRÍCOLA BIODIVERSO E ESTRATIFICADO

A compreensão da necessidade de preservar o nosso planeta, da gestão sustentável de recursos e de melhorar o impacto social da empresa levaram à criação do projeto Vila Feliz Cidade (VFC) enquanto projeto paralelo mas associado à sustentabilidade da Casa MG. Este projeto possui várias vertentes, não só ambientais mas também educativas, está intimamente ligado à ODS 15 - proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, travar a perda da biodiversidade - através da utilização de práticas de agricultura regenerativa.





A Golegã, estando inserida numa zona de intensa atividade agrícola, não só é afetada pelo aumento da temperatura, mas também é intimamente afetada pela diminuição da precipitação, que dificulta a atividade agro-industrial. Esta atividade até agora realizada com práticas agrícolas convencionais coloca pressão sobre os solos que, de ano para ano, se tornam menos férteis e por isso em risco de desertificação. Simultaneamente, áreas extensas de cultivo e utilização excessiva de agro-químicos afetam negativamente a biodiversidade tão necessária para a polinização dos campos agrícolas, efeito potenciado pela ausência de cobertura vegetal dos solos.

Para assegurar a fertilidade a longo prazo dos campos, e garantir que os terrenos serão capazes de continuar a alimentar a população, (e garantir o

funcionamento da empresa) é necessário reavaliar as práticas agrícolas e implementar alterações. Estes argumentos podem ser expandidos para a cadeia de abastecimento da Casa MG, que é impactada globalmente por quebras de produção e aumento de custos em matérias-primas agrícolas.

Na sua vertente agrícola a Vila Feliz Cidade converteu campos com décadas de cultivo convencional, transformando-os em espaços com um esquema agrícola biodiverso e estratificado em que cada espécie de planta implementada tem um propósito. O ecossistema aproveita as características de crescimento da casuarina, do choupo, entre outras árvores, para gerar biomassa utilizada na cobertura do solo, ao mesmo tempo que providenciam sombra para as plantas de menor porte. Num estrato inferior pontificam videi-



ras ou framboesas que utilizam os troncos das árvores como tutores. No solo, faveiras captam e fixam azoto tão necessário para o desenvolvimento vegetal, e crescem pimentos picantes que são utilizados na produção de molhos picantes da Paladin. Nos 6 hectares implementados desta agrofloresta existem ainda limoeiros, macieiras, romãzeiras, courgetes, pepinos e muitos outros horto-frutícolas.

A diversidade de plantas criou habitats e atraiu várias espécies de insetos e animais que fazem da Vila Feliz Cidade a sua casa. A eliminação da mobilização do solo, a ausência de agroquímicos e as práticas de cobertura do terreno contribuem de forma verificável para a manutenção da biodiversidade, gerando áreas resilientes ao desenvolvimento descontrolado de pragas, com produtividade agrícola e, acima de tudo, com uma diminuta utilização de recursos hídricos, já que solos sau-

dáveis são capazes de recolher e reter uma grande quantidade de água.

Na agrofloresta existe todo um conjunto de serviços do ecossistema que melhoram a zona onde esta se encontra implementada e favorecem as atividades que dependem desse capital natural.

MATÉRIAS-PRIMAS LOCAIS, SAUDÁVEIS, SEGURAS E ACESSÍVEIS

A Vila Feliz Cidade pretende demonstrar que a criação e manutenção de ecossistemas não tem só um efeito positivo no solo, na retenção da água, na salvaguarda da biodiversidade e também na captura de carbono, mas que através deste sistema agrícola regenerativo é possível criar um negócio sustentável e autónomo. Com a disseminação deste modelo, é possível transformar áreas degradadas em zonas férteis e produtivas com uma quase total eliminação de agroquímicos, combatendo a desertificação e tendo como consequência a produção de produtos seguros, saudáveis, locais e com proveito económico.

O exemplo da produção de pimentos picantes (habanero, scorpion moruga, carolina reaper entre outros) é paradigmático do tipo de economia que este sistema pode gerar: ao controlar a produção destes pimentos, que possuem certificação biológica, a Casa MG assegura a sua qualidade e o dimensionamento adequado às suas necessidades.

A implementação destas espécies e a seleção e controlo das matérias-primas gera um conjunto de produtos cuja originalidade se torna inimitável e por isso acrescenta valor ao nosso portfolio, à nossa propriedade industrial e à nossa notoriedade enquanto empresa líder no seu setor. Outros produtos, como maçãs e uvas, também são utili-



A disseminação deste modelo vai transformar áreas degradadas em zonas férteis e produtivas, combater a desertificação e garantir produtos seguros, saudáveis, locais e com proveito económico



zados para a produção de vinagre de sidra e vinagre de vinho, apesar de estes satisfazerem uma parte pequena das necessidades.

A produção local e a reduzida pegada logística são vantagens essenciais que advém da verticalização, e as práticas sustentáveis acrescentam valor aos produtos, gerando também uma mensagem favorável que pode ser comunicada aos consumidores, que procuram produtos que sejam positivos para a saúde e para o ambiente.

A utilização destes métodos agrícolas na VFC mostra que o negócio e os objetivos da ODS 15 são per-

feitamente compatíveis: só modificando práticas para respeitar e regenerar o ambiente será possível continuar a fabricar produtos saborosos, saudáveis e acessíveis às populações.

A Casa MG, com o seu propósito de fazer parte da alimentação sustentável do futuro e apoiando o projeto VFC fará esforços para desenvolver as tecnologias necessárias para que tal aconteça e espera gerar oportunidades e influenciar outras empresas a fazer um caminho semelhante, em que o respeito pelo ambiente, a regeneração e a produção alimentar local fazem parte dos fundamentos básicos de atuação. ■





Grupo Lusiaves. ODS 15

INVESTIMENTO CRIATIVO PROTEGE SUSTENTABILIDADE ECONÓMICO-SOCIAL



Cada ano que passa mostra a urgência de o Estado e as empresas iniciarem a transição económica necessária para cumprir as metas climáticas. Temperaturas a bater recordes, incêndios devastadores que consomem hectares de floresta ou as inundações inesperadas fruto da precipitação acentuada ou do avanço do mar são apenas alguns dos alertas cada vez mais frequentes.

A ciência tem deixado claro que as decisões tomadas nesta década vão definir o equilíbrio climático do planeta. Para inverter este cenário é, pois, essencial que o mundo transforme seus sistemas de energia, indústria, transporte, alimentos, silvicultura e... agricultura, pois claro. É um dado factual que, em Portugal, o setor avícola representa um papel decisivo na cadeia de produção alimentar.

Em 2021, as carnes brancas registaram um consumo médio de 43,5 kg per capita, tendo sido produzidas mais de 398 mil toneladas destas carnes. Estes valores estão alinhados com uma tendência global: no ano passado, a carne de aves foi, pela primeira vez, a carne mais consumida a nível mundial.

Estes dados perspetivam um crescimento do setor de produção avícola, que exige de nós uma maior responsabilidade. Estamos, pois, empenhados em fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para que a atividade avícola esteja na primeira linha da sustentabilidade ambiental, social e económica.



• AVELINO GASPAR

Presidente do conselho de administração do Grupo Lusiaves

Sendo a alimentação das aves um dos fatores mais impactantes do ponto de vista ambiental, torna-se crucial encontrar meios para reduzir o consumo dos cereais.

Nos últimos 10 anos, conseguimos reduzir em 200 gramas a quantidade de alimento necessária para produzir um quilo de carne de frango (índice de conversão). Simultaneamente, procurámos encontrar fontes alternativas de abastecimento, para diminuir a exposição a conjunturas regionais.



E conseguimos criar condições para obter produção própria de 2.500 toneladas de milho e mais de 30 mil toneladas através de produtores integrados. Ainda no sentido de reduzir o impacto ambiental, realizámos todo um conjunto de investimentos para diminuir a pegada ecológica e caminhar para a neutralidade carbónica.

Desde a valorização de cerca de 12 mil toneladas de subprodutos, evitando o seu tradicional desperdício e aproveitando os mesmos para a produção de energia através de uma central de produção de vapor de água, ao mesmo tempo que se reduz a utilização de combustíveis de origem fóssil.

Passando pela instalação de 83 unidades de produção de energia dispersas a nível nacional sendo 46 Unidades de Pequena Produção (UPP) com o acumulado de 6 megawatts instalados; 37 unidades de Unidade de Produção de Autoconsumo (UPAC) com o acumulado de 8,6 megawatts instalados; e um Centro Eletroprodutor, na Quinta da Cruz, com uma capacidade instalada de 17,37 megawatts e uma produção anual suficiente para fornecer eletricidade a mais de 8000 habitações familiares portuguesas, contribuindo assim para a redução na emissão de 15 mil toneladas de CO₂.

Não esquecendo a adoção de sistemas para reduzir o





consumo de água e para melhorar o tratamento dos efluentes líquidos.

Tudo isto, como não poderia deixar de ser, a par com o reforço do investimento na biossegurança e em avançados sistemas de informação e a integração de inteligência artificial, sem nunca esquecer a responsabilidade social para com as comunidades onde nos encontramos.

A preocupação do Grupo Lusiaves tem sido, portanto, a de implementar medidas de sustentabilidade ambiental nas várias empresas que estejam alinhadas com os 17 objetivos definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) para 'Transformar o nosso mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável'.

Atrás ficaram alguns dos motivos que nos permitem ter orgulho no que fazemos: disponibilizar aos consumidores a melhor proteína, mas sempre no maior respeito pelos recursos ambientais e fazendo tudo para que a nossa atividade tenha sustentabilidade económico-social. Porque, na nossa visão, o compromisso para um futuro melhor começa no presente e trabalha-se todos os dias. ■



Centro Eletroprodutor na Quinta da Cruz tem uma capacidade instalada de 17,37 megawatts e uma produção anual suficiente para fornecer eletricidade a mais de 8000 habitações familiares portuguesas, contribuindo assim para a redução na emissão de 15 mil toneladas de CO₂

AIP
ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CET - CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

TRANSFORMAÇÃO 4.0

PROJETO CONJUNTO | SI QUALIFICAÇÃO | COMPETE 2020

DESENVOLVIMENTO E ENGENHARIA
DE PRODUTO, PROCESSOS, SERVIÇOS

COMPETE 2020 Lisb@2020 PORTUGAL 2020 UNIAO EUROPEIA



Super Bock Group. ODS 17

MODELO MAIS CIRCULAR, INTELIGENTE E INCLUSIVO



No Super Bock Group temos como ambição “Devolver à natureza+ do que recebemos” e para o conseguir, focamo-nos essencialmente em nove dos 17 Objetivos de

Desenvolvimento Sustentável estabelecidos na Agenda da ONU, que correlacionamos num movimento circular em três pilares – Pessoas, Prosperidade e Planeta, considerando a nossa atividade e o papel que queremos assumir em sociedade.

Desta forma, procuramos levar a Sustentabilidade a tudo o que fazemos, dentro da organização, independentemente da área e departamento, e na forma ativa e participativa como atuamos na sociedade e, em particular, nas comunidades locais, seja através da marca institucional Super Bock Group como das diferentes marcas que compõem o portefólio da empresa.

E fazemo-lo porque reconhecemos a importância da adoção de uma verdadeira agenda da Sustentabilidade, considerando os atuais desafios que decorrem da crise climática e as ambiciosas metas que os países, as empresas e demais instituições têm de cumprir, nomeadamente a nível nacional e europeu. Por isso, é com verdadeiro espírito de missão, e de cooperação com as políticas públicas, que interiorizamos o conceito de desenvolvimento sustentável dentro da organização.

Mas estamos cientes que não é possível fazermos este caminho sozinhos. É uma responsabilidade que tem de ser partilhada, num esforço coletivo que



• RUI LOPES FERREIRA
CEO do Super Bock Group

deve ser assumido, de e entre todos, para ser possível fazer mais e melhor que possibilite encontrar as melhores soluções do ponto de vista social, ambiental e económico.

Assim, particularizo no ODS 17 – Parcerias para a Implementação dos Objetivos, um dos nossos focos. É o que tem possibilitado dotar a nossa empresa de um modelo de operação cada vez mais circular, inteligente e inclusivo, com projetos estruturantes, e aplicar as melhores práticas ao longo de toda a cadeia de valor. Desta forma, temos vindo a mitigar a pegada ecoló-

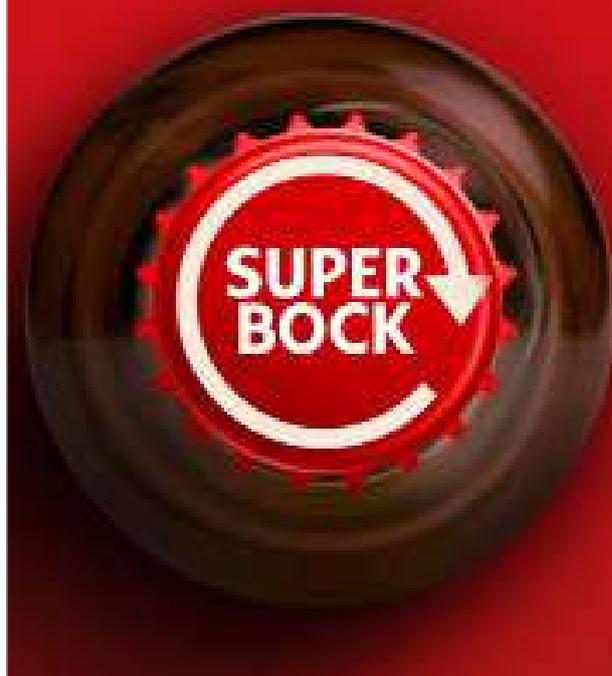


As parcerias para a Implementação dos Objetivos, um dos nossos focos, é o que tem possibilitado dotar a nossa empresa de um modelo de operação cada vez mais circular, inteligente e inclusivo, com projetos estruturantes, e aplicar as melhores práticas ao longo de toda a cadeia de valor

gica da empresa e das nossas marcas, a promover um maior equilíbrio entre o impacto da nossa atividade e a necessidade de apoiar a regeneração e evitar o desgaste dos recursos naturais.

É um ODS que está intimamente ligado a dois dos pilares da Sustentabilidade do Super Bock Group, Pessoas e Planeta. No primeiro, porque temos como prioridade promover o “consumo responsável”. No segundo, porque estamos focados em criar “mais embalagens circulares” (redução de plástico de uso único e foco em embalagens reutilizáveis e/ou 100% recicláveis); em usar “menos água” (redução do impacto hídrico da atividade

**Temos uma tara
por reutilizar**



da empresa através de uma gestão mais eficiente deste recurso) e “menos carbono” (maior integração de energias verdes e redução emissões gases efeito estufa).

Nesta medida, privilegiamos redes de colaboração amplas, com diferentes entidades públicas e privadas. Tanto assim é que somos, a título de exemplo, membros fundadores do Pacto para a Gestão da Água, integramos o Pacto Português para os Plásticos e participamos no consórcio Fundador da Associação SDR Portugal que pretende criar e gerir um sistema de depósito e reembolso das embalagens de bebidas não reutilizáveis. ■

ESTUDO DE CASO

EFACEC REFORÇA COMPROMISSO COM A SUSTENTABILIDADE

Acreditamos que as empresas têm um papel fundamental no Desenvolvimento Sustentável, conscientes que devem desempenhar a sua atividade sem esgotar os recursos naturais, assumindo a responsabilidade no presente enquanto se preparam para o futuro. A estratégia de negócio da Efacec tem estado assente no compromisso com o Desenvolvimento Sustentável, mantendo-se empenhada em honrar os compromissos globais nas áreas onde atua e a evoluir, cada vez mais, a sua Política de Sustentabilidade, aplicando-a de forma transversal a toda a sua atividade.

Os novos ODS vão nortear o negócio da Efacec no futuro: energias renováveis e acessíveis (7); indústria, inovação e infraestruturas (9); cidades e comunidades sustentáveis (11); produção e consumo sustentáveis (12). Esta seleção resulta de um estudo feito pela empresa com a Universidade Católica

Com esta mudança, que incorpora uma seleção mais refina-



ÂNGELO RAMALHO

Presidente do Conselho de Administração e CEO da EFACEC

da e focada, a Efacec evolui no compromisso com os ODS, o que irá permitir ter uma abordagem mais proativa com a futura definição de indicadores, targets, e sistema de monitorização para cada um dos quatro objetivos.

Ângelo Ramalho, presidente do Conselho de Administração e CEO da Efacec Power Solutions, confirma o compromisso da grande exportadora de engenharia nacional com os ODS: “Acreditamos

que a inovação sustentável deve estar ao serviço das pessoas, das empresas e da sociedade em geral, assumimos o propósito de criar um futuro mais inteligente para uma vida melhor, desenvolvendo e entregando soluções sustentáveis nas áreas da energia, mobilidade e ambiente.”

Foi construído com o envolvimento transversal da empresa, através de diversas etapas: workshops com a colaboração de várias áreas corporativas e de negócio, entrevistas de recolha de informação, ações de sensibilização e auscultação de stakeholders internos e externos.

Importa realçar que este projeto foi desenvolvido em contexto de enorme complexidade, nomeadamente o eclodir da crise acionista, acrescida pela crise pandémica, com diversos efeitos e constrangimentos nomeadamente ao nível da disrupção nas cadeias de fornecimento. Posteriormente, num momento de aparente recuperação, o conflito

ESTUDO DE CASO

armado ‘às portas da Europa’ surpreendeu, condicionou e ameaçou o acesso a energia, centrando as atenções nos desafios e pressão sobre o setor da energia. Não obstante as muitas provas e desafios a que tem sido sujeita ao longo deste período, a Efacec tem reiterado, continuamente, o seu compromisso para a criação de Valor, materializando diariamente o seu propósito “Criar um futuro mais inteli-

gente para uma vida melhor.” Em 2021, recorde-se, a política de sustentabilidade da empresa foi atualizada e comunicada, interna e externamente, para promover os princípios ESG (Económico, Social e Governance) em toda a cadeia de valor da Efacec.

A reflexão estratégica feita com a Católica permitiu reavaliar os ODS centrais da atividade da Efacec e selecionar os objeti-

vos que apresentam maior potencial de chegar a mais pessoas e gerar uma mudança mais significativa na sociedade.

Através da inovação do portefólio e desenvolvimento de produtos e soluções verdes que respondam aos grandes desafios mundiais, atuais e futuros, seguimos a viagem daquela que é considerada a mais representativa marca de engenharia portuguesa. ■



ESTUDO DE CASO



ODS 7

Garantir o acesso a fontes de energia fiáveis, sustentáveis e modernas para todos

• PROBLEMA

15% da população global não tem acesso à eletricidade;

40% da população global não tem acesso a combustíveis limpos e tecnologias para cozinhar;

18% é a participação das energias renováveis no consumo final de energia. Apesar dos avanços recentes em energia solar e eólica, grande parte da energia vem ainda de fonte hidroelétrica.

Fonte: <https://sdgs.un.org/>

• O QUE A EFACEC ESTÁ A FAZER

Energias renováveis e acessíveis.

Desenho, instalação e manutenção de parques fotovoltaicos e híbridos (eólico + solar), centrais hídricas e centrais de biogás e biomassa

(com valorização energética de resíduos);
Implementação de redes inteligentes de energia (Smart Grids), mais sustentáveis.

• EXEMPLOS

Transformadores - Desenvolvimento de transformadores com regulação automática que permitem aumentar a integração de energia renovável na rede.

Aparelhagem - Fornecimento de componentes específicos para parques fotovoltaicos.

Automação - Fornecimento de sistemas e componentes para a implementação de redes inteligentes de energia.

Energia - Instalação e gestão de parques fotovoltaicos e centrais hídricas.

Ambiente - Instalação de centrais de biogás e biomassa com valorização energética dos resíduos.



ODS 9

Construir infraestruturas resilientes, promover a industrialização inclusiva e sustentável e fomentar a inovação

• PROBLEMA

2.6 biliões de pessoas não têm acesso a fontes confiáveis (infraestrutura) de eletricidade;

>4 biliões não têm acesso à internet;

Acelerar o investimento em I&D principalmente nos países em desenvolvimento.

Para alcançar a industrialização inclusiva e sustentável e fornecer infraestruturas resilientes e de qualidade, inovações tecnológicas e de processo devem ser desenvolvidas e implantadas

em escala.

Fonte: <https://sdgs.un.org/>

• O QUE A EFACEC ESTÁ A FAZER

Indústria, Inovação e Infraestruturas.

3,1% das receitas investidos em I&D;

25 projetos de I&D cofinanciados ao abrigo dos programas H2020, P2020, entre outros, visando o desenvolvimento de inovações tecnológicas de suporte à transição energética, à digitalização e automação de processos, à

ESTUDO DE CASO

eletrificação da mobilidade e ecodesign.

• EXEMPLOS

Transformadores – Componentes das mais diversas infraestruturas, com grande fiabilidade e alvo de inovação tecnológica permanente.

Ambiente – Biogás, despoeiramento industrial (papeleiras, cimenteiras).

Aparelhagem – Componentes das mais diversas infraestruturas, alvo de ecodesign e de inovação tecnológica permanente.

Automação – Componentes essenciais que tornam a rede elétrica mais fiável e resiliente.

Service – Recuperação e modernização de equipamentos de energia.

Energia – Instalação de subestações resilientes.

Transportes – Construção de metros e sistemas de ferrovia inovadores e resilientes.

Mobilidade Elétrica – Desenvolvimento e fornecimento de carregadores de carros elétricos e respetivos sistemas de gestão essenciais para a expansão da mobilidade elétrica.



ODS 11

Tornar as cidades e comunidades inclusivas, seguras, resilientes e sustentáveis

• PROBLEMA

> **50%** da população mundial vive em áreas urbanas; espera-se que isso aumente para dois terços até 2050.

> **80%** do PIB global é gerado nas cidades, que desempenham papel fundamental no aumento da produtividade necessária para o desenvolvimento económico.

Poluição do ar a atingir níveis críticos em todas as cidades.

Nos países em desenvolvimento, muitas cidades enfrentam rápido crescimento, o que leva a uma expansão urbana não planeada, pois a provisão de **infraestrutura não acompanha o crescimento populacional**. Grande parte dessa expansão urbana está em **geografias vulneráveis** a desastres naturais e outros riscos ampliados pelas mudanças climáticas.

Fonte: <https://sdgs.un.org/>

• O QUE A EFACEC ESTÁ A FAZER

Cidades e comunidades inclusivas. Seguras, resilientes e sustentáveis.

Desenvolvimento de equipamentos e sistemas de automação, contribuindo para o progresso das cidades inteligentes;

Desenho e instalação de estações de tratamento de águas e resíduos;

Desenvolvimento de novos sistemas de transportes urbanos eletrificados, rodoviários e ferroviários, contribuindo para tornar as comunidades inclusivas, aumentar a segurança rodoviária e reduzir o impacto ambiental per capita.

• EXEMPLOS

Automação – Os sistemas de automação são fundamentais para o desenvolvimento de cidades inteligentes.

Ambiente – Instalação de estações de tratamento de resíduos que são elementos fundamentais para a gestão municipal de resíduos.

Transportes – Implementação de sistemas de transporte coletivo que reduzem o impacto ambiental e tornam as comunidades inclusivas.

Mobilidade Elétrica – Os carregadores possibilitam a redução de CO2 e de outras emissões nas cidades.

ESTUDO DE CASO



ODS 12

Garantir padrões sustentáveis de consumo e produção

• PROBLEMA

70% Aumento de recursos da “pegada global”, entre 2000 e 2017;

1,75 Terras é o equivalente que a humanidade usa para fornecer os recursos que usamos e absorver os nossos resíduos;

Consumo e produção insustentáveis em diferentes graus ao redor do mundo, causaram o aumento das emissões de gases de efeito estufa, contribuíram para a grave poluição do ar, diminuição da produtividade agrícola, ameaçando os meios de subsistência e a coesão social, e aumentando a escassez de água.

Fonte: <https://sdgs.un.org/>

• O QUE A EFACEC ESTÁ A FAZER

Produção e consumos sustentáveis.

Desenho e instalação de estações de tratamento de resíduos;

Regeneração do óleo usado nos Transformadores instalados em clientes;

Prémio EIPM Peter Kraljic Award 2019 (European Institute of Purchasing Management).

• EXEMPLOS

Service - Reabilitação de equipamentos de energia e regeneração de óleo usado nos transformadores.

Ambiente - Instalação de estações de tratamento de resíduos. ■

**NEGÓCIOS
NO
MUNDO**

MAIS INFORMAÇÕES EM WWW.AIP.PT

Campanhas de **Comunicação** . Capacitação em **Digitalização** para
a **Internacionalização** . Workshops sobre os **Mercados**
Missões Empresariais ao Exterior . Participação
em **Feiras** Internacionais . Captação de Novos Clientes **Missões Inversas**



COMPETE
2020

Lisb@20²⁰

CRESC
ALGARVE
2020

PORTUGAL
2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional

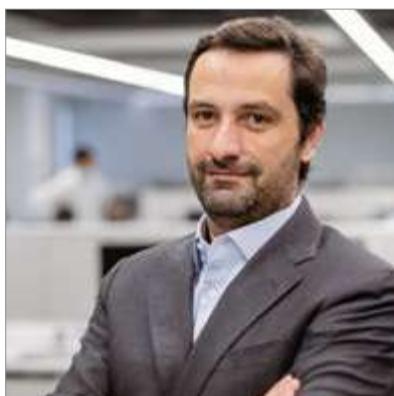
SEIS AÇÕES PARA AS EMPRESAS SE DESTACAREM NO MERCADO

Qual o impacto dos ODS 2030 nas empresas portuguesas, e como podem criar uma vantagem competitiva?

O mais recente relatório do IPCC adverte que as alterações climáticas estão a ocorrer mais rapidamente do que o esperado, e irão exceder a capacidade de adaptação de empresas e países. Com o foco agora no conflito geopolítico, na crise humanitária e na dependência energética da Europa, a mudança de paradigma é mais relevante e urgente.

Depois da revolução digital, a descarbonização será a força motriz da próxima grande transformação. O Inquérito de Investidores Institucionais EY de 2021 revela que 74% dos 320 investidores globais inquiridos são mais propensos a alienar investimento devido a fraco desempenho em ESG, face ao pré-pandemia. Os Governos também irão acelerar a implementação de nova regulamentação através de impostos verdes e proibições sobre plásticos.

A transição justa tornou-se uma prioridade, e antecipam-



MIGUEL CARDOSO PINTO

Head of EY Parthenon Portugal

se oportunidades para as empresas portuguesas desenvolverem novos modelos de negócio que **criam vantagens competitivas assentes na sustentabilidade**. Com a sustentabilidade a assumir um lugar no propósito estratégico das empresas, os stakeholders estão mais conscientes do valor que esta cria e protege. Acreditamos que esta mudança não será opcional: **as empresas que não se transformarem serão transformadas**.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (ODS) 2030 são, desde 2015, a referência global, e em conjunto com os fatores ESG orienta as organizações no caminho do desenvolvimento susten-

tável. **Portugal** tem feito progressos na prossecução destes objetivos, ocupando a **posição 20 dos 193 membros da ONU que os adotaram**, subindo oito lugares desde 2017.

Existem exemplos de boas práticas relacionadas com os ODS em todas as indústrias. Na transformação, **fábricas de emissões zero** e IA que **monitoriza a pegada de CO2** na cadeia de valor estão em linha com os ODS 9 (indústria, inovação e infraestruturas) e 13 (ação climática). No vestuário, os materiais reciclados têm vindo a ser mais incorporados, em linha com o crescimento da **economia circular** e com o ODS 12 (consumo e produção responsáveis).

A **EY sugere seis ações para as empresas se destacarem no mercado**: 1) identificar ODS prioritários e definir metas; 2) desenvolver KPI's para monitorizar e comunicar o progresso; 3) alinhar os objetivos de sustentabilidade com a estratégia; 4) gerar oportunidades de negócio que contribuam para esses objetivos; 5) colaborar com outros sectores; 6) medir e comunicar o impacto dos ODS. ■

ULTRAPASSAR OS PRECONCEITOS DA SUSTENTABILIDADE NAS PME

A sustentabilidade é hoje um conceito indissociável da competitividade nas empresas. Ser sustentável já não é uma opção; é o único caminho para a sobrevivência. Do planeta, dos ecossistemas, das sociedades, dos países, das economias, das empresas.

Mas o que é ser sustentável? O que pode uma PME ou microempresa fazer para se aproximar de um modelo de negócio sustentável?

Tudo começa pela definição. Uma empresa sustentável é uma empresa economicamente viável, socialmente justa e ambientalmente responsável. Isto significa tão-somente que as empresas têm que encontrar diferentes formas de criar valor para os seus stakeholders sem comprometer o equilíbrio dos ecossistemas – tornar os seus métodos de produção mais eficientes, através da adaptação de todo o ciclo de vida do produto, desde a escolha das matérias-primas até à gestão dos resíduos, passando pela



VÂNIA SOARES

Business Development
Manager | Moneris

transição energética e pela circularidade nas cadeias de abastecimento, para que a pegada carbónica da empresa seja o menos significativa possível.

Hoje em dia fala-se tanto em sustentabilidade que o próprio conceito está já pejado de preconceitos, de ideias pré-concebidas que não são necessariamente verdadeiras. Por isso, proponho aqui neste espaço desconstruir e desmistificar quatro preconceitos sobre a sustentabilidade, para motivar empresários e em-

preendedores, especialmente nas PME e microempresas, a dar o primeiro passo.

Preconceito #1 **Sustentabilidade é só para grandes empresas**

Pensar que as grandes organizações têm mais condições para implementar cadeias de valor sustentáveis é uma falácia. Terão certamente maior capacidade de investimento, mas têm também estruturas muito pesadas, com processos muito complexos, com inúmeras interdependências, que tornam qualquer processo de mudança muito mais difícil, demorado e com mais entraves.

Por outro lado, as PME e microempresas têm estruturas mais leves, mais dinâmicas, capazes de empenhar processos de mudança de forma mais ágil, mais rápida e com menor impacto na sua cadeia de valor. A verdade é que as PME e microempresas têm na sustentabilidade uma enorme vantagem

OPINIÃO

competitiva em relação às grandes organizações.

Preconceito #2 **Ser sustentável exige um investimento muito elevado**

Adaptar uma empresa a processos mais sustentáveis não é mais do que um normal processo de inovação. Todo o empresário sabe que uma empresa que não inova, morre.

A transformação para processos mais sustentáveis não tem de ter um peso extraordinário no orçamento – o segredo está em direcionar o investimento para processos, infraestruturas e métodos produtivos que garantam o crescimento da empresa sem pôr em causa o ambiente e garantindo todos os direitos fundamentais e liberdades das pessoas.

Este investimento pode ser ainda mais significativo para o crescimento da organização se considerarmos que as inovações e adaptações que vão ser

implementadas podem trazer melhorias ao nível do consumo e dependência energética, do aumento da rentabilidade e produtividade, do acesso e reutilização de materiais, da distribuição e da cadeia de abastecimento, entre tantos outros benefícios diretos e indiretos de uma rentabilização sustentável de processos, que deve sempre ter como objetivo a economia circular.

Preconceito #3 **A sustentabilidade é uma moda passageira**

A sustentabilidade sempre fez parte do léxico dos negócios. Todos os empresários e gestores procuram uma boa gestão de recursos e meios, preservando a continuidade.

A única diferença é que hoje em dia os recursos e meios que temos de gerir não são os da empresa, mas os do planeta. Por isso, quando analisamos a sustentabilidade de uma empresa, não podemos

apenas analisar a sua sustentabilidade económico-financeira; não é possível procurar o lucro sem considerar outras variáveis fundamentais à continuidade do negócio, sejam elas os recursos naturais e energéticos, os ecossistemas, as comunidades locais, os direitos humanos, ou a dignidade e o bem-estar das pessoas.

Preconceito #4 **A sustentabilidade não é competitiva**

Independentemente do setor de atividade, da sua dimensão ou da área geográfica onde atua, não adotar práticas sustentáveis traz efetivos riscos económicos, financeiros, físicos e sociais, indissociáveis de qualquer análise de competitividade.

Um dos maiores riscos económicos está relacionado com os consumidores, que têm demonstrado uma preferência crescente por empresas que alinham a sua estratégia com os princípios ESG (Environmental, Social, Governance). Ao ponto de 76%⁽¹⁾ dos consumidores considerar descontinuar a sua relação com empresas que não sejam sustentáveis. O comportamento dos consumidores está a mudar estruturalmente, estando estes dispostos a pagar mais por marcas e produtos

.....
O maior desafio para empresas e negócios no âmbito da sustentabilidade, especialmente para PME e microempresas, é o reporte não financeiro
.....

⁽¹⁾PwC 2021 consumer intelligence survey in ESG

OPINIÃO

.....

O financiamento através dos quadros comunitários em vigor (PRR – Plano de Recuperação e Resiliência e Portugal 2030) é já muito direcionado a investimentos sustentáveis e muito limitador para financiamento de projetos e empresas que não promovem processos de inovação sustentáveis

.....

mais seguros, saudáveis, ambientalmente responsáveis e socialmente conscientes, especialmente nas gerações Y e Z, que serão nas próximas décadas os consumidores com maior poder de compra.

O acesso a financiamento vai ser também uma forte limitação para empresas que não estejam alinhadas com princípios sustentáveis. Os bancos e outras entidades financeiras estão já obrigados a reportar informação não financeira, das suas atividades e dos seus clientes (scope 3), e prevê-se que o financiamento a atividades não sustentáveis seja cada vez mais limitado.

O financiamento através dos quadros comunitários em vigor (PRR – Plano de Recuperação e Resiliência e Portugal 2030) é já muito direcionado a investimentos sustentáveis e muito limitador para financiamento de projetos e empresas que não promovem processos de inovação sustentáveis.

Quando falamos em riscos físicos, falamos principalmente dos riscos associados às alterações climáticas. Portugal é um dos territórios mais ameaçados da Europa pelas consequências da subida global da temperatura, nomeadamente devido à subida do nível médio do mar, pelo agravamento

das secas e pela maior probabilidade de outros fenómenos meteorológicos extremos.

Finalmente, mas não menos importante, há que considerar a componente social da sustentabilidade.

Numa altura em que um dos principais desafios, transversal a toda a economia, é a atração e retenção de talento, ter uma organização alinhada com os princípios da sustentabilidade é fundamental para criar um clima atrativo, especialmente para as gerações Y e Z, que representam já mais de um terço da força de trabalho mundial.

Os colaboradores, um dos principais ativos de qualquer organização, procuram empresas justas, com princípios éticos, saudáveis e democráticos, que valorizem a sua participação e contribuição⁽²⁾. Uma agenda laboral sustentável deve ter sempre em conta as práticas laborais adotadas, a saúde e segurança dos colaboradores, o engagement, diversidade e inclusão, a saúde mental, o salário competitivo e benefícios flexíveis, a gestão do stress e a flexibilidade nos locais de trabalho.

Por vezes, o investimento em políticas laborais sustentáveis

(2)Delloite Global 2021 Millennial and GenZ Survey

OPINIÃO

pode não demonstrar um retorno económico óbvio, mas é pura matemática. Senão vejamos:

- > satisfação colaboradores = (< saídas) + (< resistência à mudança) + (> produtividade) + (> retenção conhecimento) + (< custos de compensação)

- > reputação = (> banco de talentos) + (< custos recrutamento) + (> candidaturas espontâneas)

- > condições de trabalho = (< absentismo) + (< acidentes) + (< incapacidade temporária/ permanente) + (< prémios seguros)

Nada do que possamos dizer sobre sustentabilidade é novo para os negócios. Tal como aconteceu no final de

.....

Independentemente do setor de atividade, da sua dimensão ou da área geográfica onde atua, não adotar práticas sustentáveis traz efetivos riscos económicos, financeiros, físicos e sociais, indissociáveis de qualquer análise de competitividade.

.....

século XX, com a revolução digital, trata-se de adaptar os modelos de negócio e inovar.

Na minha opinião, o maior desafio para empresas e negócios no âmbito da sustentabilidade, especialmente para PME e microempresas, é o reporte não financeiro. A comunicação das práticas sustentáveis pode efetivamente ser terreno desconhecido para muitas empresas.

Trata-se de uma nova linguagem, assente em dados científicos e em informações que os gestores podem não estar preparados para interpretar. A própria taxonomia europeia, que está ainda em construção, é de interpretação difícil e de aplicação exigente.

A linguagem económica sempre foi a linguagem dos negócios. Até hoje. ■



SKILLSTECH

Capacitação do Cluster Produteck



+351 213 601 012 | +351 213 601 184



copraiformacao@aip.pt



www.aip.pt



ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CCT - CAMARA DE COMERCIO E INDUSTRIA



SISTEMAS DE BIOENERGIA, BIOECONOMIA E ECONOMIA CIRCULAR MITIGAM MUDANÇAS CLIMÁTICAS?

Ensinaamentos da Avaliação do Ciclo de Vida - ACV

Notáveis tentativas de corrigir sistemas de produção e consumo insustentáveis levaram produtores e consumidores, assim como decisores políticos, a apoiar sistemas alternativos de produção e consumo que não são nem baseados em recursos de combustíveis fósseis nem em fluxos lineares de extração de recursos finitos, por um lado, e acumulação de resíduos, por outro. O foco em sistemas de base biológica e circulares aumentou nas últimas duas décadas, mas com pouca avaliação crítica do contexto no qual esses podem ser preferíveis ou não.

Apesar do uso de termos diferentes para reflectir conceitos semelhantes, como “economia circular”, “bioeconomia”, “bioeconomia circular”, “economia sustentável” e “economia de baixo carbono”, estes sistemas não são necessariamente mais sustentáveis, ou melhores na mitigação de mudanças climáticas, do que sistemas alternativos lineares/fósseis.



MIGUEL BRANDÃO

Professor Associado
KTH Royal Institute of Technology
Estocolmo

Este artigo identifica erros comuns na percepção sobre a sustentabilidade de produtos de base biológica em relação aos fósseis convencionais. Com referência a uma variedade de produtos e impactos de sustentabilidade, particularmente a bioenergia e as mudanças climáticas, esta reflexão realça a complexidade dos sistemas em questão, destacando a necessidade de cuidado ao avaliar sistemas circulares e de base biológica, principalmente quando deci-

sões importantes dependem dessa avaliação.

Lições contra-intuitivas da análise de sistemas ambientais

É intuitivo para um leigo que os produtos resultantes de um sistema circular ou de base biológica serão mais sustentáveis do que os convencionais. São vários os exemplos:

- Alimentos biológicos vs. alimentos produzidos de modo convencional
- Alimentos locais vs. alimentos importados
- Biocombustíveis vs. combustíveis fósseis
- Veículos elétricos vs. veículos com motor de combustão interna
- Papel reciclado vs. papel virgem
- Sacos de papel vs. sacos de plástico
- Compostagem vs. incineração de resíduos orgânicos

Para os não especialistas, invariavelmente, os sistemas de

OPINIÃO

base biológica ou circulares são considerados mais sustentáveis do que os alternativos fósseis/lineares. No entanto, a aplicação de ferramentas de análise de sistemas ambientais elucidada que essa percepção nem sempre se sustenta. Assim, é importante notar que os impactos ambientais dos sistemas de base biológica nem sempre são menores do que aqueles dos sistemas alternativos, mais convencionais, de produção e consumo. Os sistemas precisam de ser analisados quantitativamente e de forma holística antes que se possa fazer afirmações robustas sobre a sua eventual superioridade ambiental.

Em relação aos exemplos acima referidos, várias análises deixam claro que em termos de impactos na sustentabilidade:

- a agricultura biológica é menos produtiva no uso de terra do que a agricultura convencional e, como resultado, podem levar ao aumento das emissões por unidade de alimento produzido (Tuomisto, 2012; Williams et al., 2006);
- os alimentos produzidos localmente podem incorrer em maiores impactos do que os alimentos importados, mesmo que os produtos sejam transportados desde o outro lado do mundo (por exemplo, borrego da Nova Zelândia trans-

portado para o Reino Unido), o que implica que o aumento das emissões na fase de transporte é compensado por emissões mais baixas ao longo das outras fases do ciclo de vida (Webb et al., 2013; Edwards-Jones et al., 2008);

- a necessidade de terra por parte dos biocombustíveis faz com que estes compitam com sistemas alimentares pelo uso de terra, o que impacta a segurança alimentar. Os biocom-

.....

A ACV pode ajudar a identificar os sistemas que merecem apoio porque acolhem as metas políticas estabelecidas, como as relativas à mitigação das mudanças climáticas

.....

bustíveis também requerem combustíveis fósseis ao longo do seu ciclo de vida, particularmente na fase de cultivo com a necessidade de uso de agroquímicos, aos quais está associada uma emissão intensiva de gases de estufa (Cherubini et al., 2009);

- os veículos elétricos só são bons ambientalmente se a eletricidade que os alimenta também o for, de tal modo que o seu uso em países cuja produção de energia seja intensiva em carbono, como a China ou a Polónia, pode não resultar em impactos nas mudanças climáticas menores do que os

dos veículos movidos a gasolina ou diesel (Hawkins et al., 2013); também existem preocupações quanto ao uso de metais de terras-raras e a segurança do seu fornecimento.

- o aumento da procura por papel reciclado pode não resultar em mais reciclagem de papel (uma vez que a reciclagem é estrangida pela quantidade de resíduos de papel disponível); além disso, a reciclagem de papel consome uma quan-

.....

.....

tidade considerável de eletricidade e, uma vez consideradas as emissões do processo de reciclagem, o papel virgem, feito de fibras de celulose de polpa de origem vegetal, pode não ser significativamente pior do que o papel reciclado (Merrild et al., 2012);

- os sacos de papel têm uma vida útil consideravelmente menor – por serem menos resistentes – do que os sacos de plástico, que são um subproduto das refinarias de petróleo (Edwards e Fry, 2011);
- a compostagem produz grandes quantidades de metano – um potente gás de

OPINIÃO

efeito estufa que é gerado quando os resíduos se decompõem anaerobicamente – enquanto a incineração com recuperação de calor pode trazer grandes benefícios ao substituir energia produzida a partir de combustíveis fósseis (Koneczny et al., 2007).

Eis o ponto da questão: os sistemas de base biológica e circulares não são necessariamente melhores em termos ambientais do que os sistemas com base fóssil ou lineares só por serem circulares ou de base biológica. Foquemos num destes sistemas em particular: a bioenergia.

Bioenergia como estratégia para mitigar alterações climáticas

A necessidade urgente de substituir combustíveis fósseis para mitigar as mudanças climáticas fez com que os sistemas de bioenergia fossem considerados uma estratégia promissora. O *rationale* era que o carbono emitido na combustão havia sido sequestrado da atmosfera à medida que as culturas fotosintetizavam, tornando a bioenergia neutra em carbono. Contudo, quando todo o ciclo de vida é levado em conta, a bioenergia pode não ser tao interessante como estratégia para mitigar mudanças climáticas como intuitivamente

.....

Sistemas circulares e de base biológica, como a bioenergia, estão sob crescente escrutínio devido à necessidade urgente de substituir os combustíveis fósseis para mitigar as mudanças climáticas

.....

pode inicialmente ter parecido. É necessário aplicar ferramentas imparciais, baseadas na ciência, que possam fazer comparações sistemáticas entre sistemas alternativos.

A ACV como ferramenta de gestão ambiental

Ferramenta de análise de sistemas ambientais bastante útil para quem queira tomar decisões, na esfera pública ou privada, a ACV possibilita comparações de forma sistemática e abrangente entre sistemas alternativos com a mesma funcionalidade, e é notória por derrubar mitos e desafiar percepções comuns sobre os possíveis benefícios de sistemas de base biológica e circulares em relação aos seus alternativos (Weiss et al., 2012).

Entender melhor os sistemas de bioenergia com o auxílio da ACV

A necessidade de avaliar os sistemas de forma abrangente, ao longo da sua cadeia de fornecimento, levou ao reco-

nhecimento que a ACV é a ferramenta apropriada de apoio à decisão para avaliar os impactos dos sistemas de bioenergia.

Ao contabilizar as emissões ao longo do ciclo de vida dos sistemas alternativos de produção de energia (normalizados para uma unidade funcional, por exemplo, 1 MJ), a ACV elucida as consequências ambientais de realizar qualquer dos sistemas de produção. No caso da bioenergia, a ACV inclui estimativas dos impactos nas mudanças climáticas e, assim, é uma ferramenta instrumental na identificação de sistemas que atinjam metas de políticas públicas, como diminuir as emissões em 70% em relação aos combustíveis fósseis – uma meta europeia.

A União Europeia reconhece a robustez da ACV na estimativa dos impactos nas mudanças climáticas dos sistemas de bioenergia, demonstrado no Anexo V da Diretiva de Energias Renováveis (2009/28/EC), agora substituída pela Diretiva (UE) 2018/2001 (UE, 2018). Nesse

OPINIÃO

anexo, a metodologia recomendada para estimar os impactos nas mudanças climáticas dos sistemas de bioenergia segue claramente uma abordagem de ciclo de vida.

No contexto da diretiva, a ACV foi aplicada a diferentes biocombustíveis para determinar o quanto de poupança de emissões de gases de efeito estufa os sistemas de bioenergia incorrem em relação à referência de combustível fóssil de 83,8 gCO₂-eq. por MJ, demonstrando que alguns biocombustíveis não atingem o limite mínimo de 35% de poupança de emissões ao longo do ciclo de vida, como o etanol de trigo, biodiesel de soja e biodiesel de óleo de palma (poupança de 16%, 31% e 19%, respectivamente; UE, 2009).

A ACV torna-se, assim, útil ao auxiliar a distinção entre sistemas que atinjam metas ambientais daqueles que ficam aquém. Uma vez que todo o ciclo de vida é levado em consideração, incluindo o uso de agroquímicos no cultivo das matérias-primas (por exemplo, a produção de fertilizantes azotados), torna-se evidente que o efeito da bioenergia sobre as mudanças climáticas não é neutro (Johnson, 2009; Zanchi et al., 2012), o que, por sua vez torna óbvia a necessidade de apoiar apenas os sistemas que podem resultar numa mitigação real

das mudanças climáticas.

Sistemas circulares e de base biológica, como a bioenergia, estão sob crescente escrutínio devido à necessidade urgente de substituir os combustíveis fósseis para mitigar as mudanças climáticas. Neste contexto, seria imprudente apoiar um sistema pelo seu suposto potencial de mitigação das mudanças climáticas se, ao levar em conta efeitos indirectos, esses sistemas provavelmente resultassem no efeito oposto. É por isso que adoptar uma abordagem sistemática, como a inerente à ACV, é uma condição necessária para gerar resultados robustos de forma a apoiar decisões políticas capazes de atingir os objetivos a que se propõem.

Apesar das limitações da ferramenta, tem aumentado a relevância da ACV no desenvolvimento de políticas nacionais e internacionais, bem como no apoio de iniciativas em curso, devido ao melhoramento constante de bases de dados e software. Em termos de ACV de sistemas de bioenergia, fica claro que os biocombustíveis não são necessariamente melhores do que os combustíveis fósseis que substituem. Esta ferramenta pode ajudar a identificar os sistemas que merecem apoio porque são capazes de atingir as metas políticas estabelecidas, como as relativas à mitigação das mudanças climáticas.

“Todos os modelos estão errados, mas alguns são úteis” (Box e Draper, 1987).

O importante é que os modelos que são produzidos para o auxílio de estratégias ambientais, como os da ACV, não transfiram cargas ambientais para fora do sistema sob análise e assim ignorá-las, que é precisamente a razão pela qual uma abordagem de ciclo de vida é adoptada.

É relevante usar a melhor ciência disponível para orientar as decisões relativas a uma transição robusta de paradigma para sistemas de produção e consumo mais sustentáveis. A ACV auxilia nessa transição e ajuda a identificar os trade-offs entre alternativas, sem transferir problemas ambientais de um impacto para outro, de um estágio de ciclo de vida para outro, de uma geração para outra, ou de um país para outro.

Numa era em que um crescente número de empresas e negócios tem considerações sobre os impactos ambientais e sociais das suas actividades, torna-se extremamente importante podermos distinguir sistemas sustentáveis daqueles que não o são e, assim, evitar “greenwashing.” ■

• Aceda [aqui](#) a quadro GHG default values, plus iLUC factors e referências

A SUSTENTABILIDADE DOS OLIVAIS EM PORTUGAL

Francisco Campello

AGRO.GES



No âmbito das comemorações dos 150 anos do nascimento de Alfredo da Silva, a Fundação Amélia de Mello desafiou a AGRO.GES para elaborar um livro sobre o tema da Sustentabilidade dos Olivais em Portugal, que foi recentemente editado pela Principia e apresentado na Sala dos Presidentes da AIP.

O olival é uma cultura endógena no nosso país, estando presente em 45% das explorações agrícolas nacionais e em todas as regiões do continente. No entanto, ao longo da última década, a olivicultura nacional sofreu um desenvolvimento muito acelerado, fruto da forte dinâmica de investimento na instalação de olival moderno de regadio, que se verificou

de uma forma mais assinalável na região abrangida pelo perímetro de rega de Alqueva.

A modernização dos olivais nacionais, trouxe consigo aumentos consideráveis nas produtividades de azeitona, que se materializaram no crescimento acentuado da produção de azeite, permitindo que Portugal atingisse uma posição de destaque na produção e comércio internacional deste produto a nível europeu e mundial. Efetivamente, Portugal é atualmente o quarto maior exportador mundial de azeite e o sétimo maior produtor mundial deste produto, sendo frequentemente apontado como uma referência no contexto das tecnologias de produção olivícola modernas.

Todavia, o forte crescimento da área de olival moderno verificado em Portugal nos últimos anos, tem levantado alguma discussão pública sobre a sustentabilidade dos sistemas modernos de condução do olival, que muitas vezes se encontra desprovida de fundamentação técnica.

Neste contexto, o livro que escrevemos pretende efetuar uma análise dos sistemas de condução do olival moderno, que foi baseada na informação técnica disponível, de forma a identificar os verdadeiros impactos que a cultura tem nas diferentes dimensões da sustentabilidade (económica, ambiental e social).

Da análise efetuada foi possível concluir que o olival moderno de regadio apresenta níveis de sustentabilidade ambiental elevados, garantindo uma elevada eficiência na utilização dos recursos (água, adubos e fitofármacos), uma elevada proteção do solo contra a erosão, uma melhoria da sua fertilidade, podendo ainda fixar grandes quantidades de CO₂.

Na vertente da sustentabilidade social, o olival consegue assegurar níveis importantes de emprego, e o desenvolvimento de atividades económicas a montante e a jusante da produção olivícola, contribuindo para fixação de população nas zonas rurais.

Os elevados níveis de rentabilidade económica obtíveis pelos olivais modernos de regadio, contribuem para viabilidade das explorações agrícolas e asseguram a sustentabilidade económica da cultura.

Por fim, importa realçar que grande parte das boas práticas de gestão sustentável dos olivais modernos já possuem uma implementação significativa junto das explorações olivícolas nacionais, embora se reconheça que os desenvolvimentos tecnológicos futuros e a instalação de sistemas de monitorização das variáveis de sustentabilidade, permitirão garantir um processo de melhoria contínua da sustentabilidade dos olivais modernos nacionais. ■

PROJETO **NOVAS SOLUÇÕES DE FINANCIAMENTO PARA PME**



DIAGNÓSTICO

Análise das soluções de financiamento existentes

Limitações da procura

Benchmarking internacional



NOVAS SOLUÇÕES

Criação de Obrigações grupadas para PME

Instrumento de incentivos financeiros

e fiscais para Fusões e Aquisições

A sua PME
procura
financiamento?

Temos soluções inovadoras. Contate-nos!

dei@aip.pt | 213 601 055 | www.aip.pt

Parceria



Cofinanciamento



ne NEGÓCIOS&EMPRESAS

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUESA
CÂMARA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

Praça das Indústrias
1300-307 Lisboa | Portugal

www.aip.pt